

ILUSTRAÇÃO



UM PAGEM DE CASTELA—(QUADRO DO AGUARELISTA ANTONIO BARRADAS)

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

„ „ „ „ carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROÁ — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand

S. A. R. L.

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL.
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português.	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias.	—	67\$50	135\$00
(Registada).	—	66\$00	132\$00
Brasil.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	84\$00	168\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL**



**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

CONSELHOS ÚTEIS

**CIMENTO
PARA OS CABOS
DAS FACAS**

Tomam-se 2 partes de colofonia pulverizada e 1 parte de pó de telha; enche-se com esta mistura o cavado do cabo da faca e introduz-se nele a cauda da lâmina, depois de a ter aquecido intensamente.



ROCIO-LISBOA-CHIADO

O melhor café é o
d'A BRAZILEIRA

Vendas para toda a parte

Vendas aos quilos } **RUA 1.º DE DEZEMBRO, 78**
RUA GARRETT, 120

Pedidos ao escritório:

LARGO DE S. DOMINGOS, N.º 11—Telefone: 2 5066

LIVROS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

- Algebra Elementar, 1 vol. enc. 15\$00
- Aritmética Prática, 1 vol. enc. 15\$00
- Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. . 12\$00
- Elementos de Química, 1 vol. enc. 14\$00
- Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. 12\$00
- Elementos de História de Arte, 1 vol. enc. 25\$00
- Física Elementar, 1 vol. enc. 14\$00
- Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. 14\$00
- O livro de Português, 1 vol. enc. 12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA



Porquê?

— Se sofre é porque quer. Por isso não se queixe. Razão de queixa tinham os nossos avós que não conheciam a Cafiaspirina. Era o triste jús da sua época. Hoje, graças á Cafiaspirina, completamente inofensiva para o organismo, a dor desapareceu. So sófrem os que a não usam!



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

2.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc..... 15\$00
broch..... 10\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

CIMENTO ARMADO

2.^a edição

Propriedades gerais. Materiais usados: o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Fôrmas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por *João Emilio dos Santos Segurado*.

1 volume de 632 pág., com 351 grav.,
encadernado em percalina..... 25\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedrosa* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-texte* em papel couché, in-4.^o — Encadernação própria e cerca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

110 tomos — 19 volumes

Acetam-se assinaturas desde o início, facultando-se, a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada volume, encadernado	65\$00
Cada tomo, brochado	8\$00
Encadernação por cada volume	25\$00
Capas para a encadernação	15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



Aguiar

TELEFONE **BERTRAND**
2 1308 **IRMÃOS, L^{DA}**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiam na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço. A Vila das Pombas.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA



NAS EMBAIXADAS

Nos sumptuosos salões onde se reúne a aristocracia e a «élite», ha sempre uma hora que não esquece, a do Chá.

E o chá que sempre se serve é «HORNIMAN». Nenhum como ele possui tão grande nomeada.

O chá «HORNIMAN» é u na bebida finíssima e vivificante. O seu aroma, o seu paladar delicado e a sua fragancia tornaram-no celebre em todo o Mundo.

O chá «HORNIMAN» é tambem o que mais se vende em Portugal. Em todas as casas onde se aprecia o que é bom, ou onde se não delta dinheiro á rua em beberragens ordinarias, é o chá «HORNIMAN» que predomina.

O chá «HORNIMAN» é o mais economico tambem, porque, com menos quantidade de que qualquer outro, fará um bule de deliciosa infusão.



Adicionando-lhe na chavena algumas gotas de leite, torná-lo-á delicioso.

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. 15\$00

Os dois dicionários juntos, enc. 28\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

CHÁ HORNIMAN



Sómente em pacotes
de 14—50—125 e 250 gramas.



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estojo com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á **Academia Scientifica de Beleza** — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA



APRESENTA

O novo modelo "FLYING CLOUD"

A maior realização do
automovel moderno

AS ÚLTIMAS NOVIDADES
DE MECANICA

Roda livre

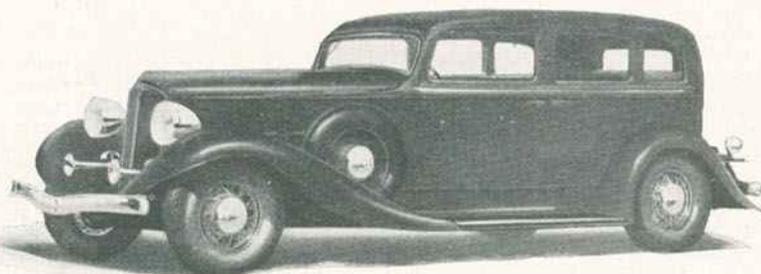
Startix

Control automático de suspensão

Caixa de velocidades sincronizada com a 2.^a silenciosa

Vidros instilhaçaveis

Carrosserie de linhas aero-dinamicas



AGENTES GERAIS:

GARRIDO & FILHO, L.^{da}

Avenida da Liberdade, 165 a 171 — LISBOA

ULTIMOS EXEMPLARES

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441
gravuras, cartonado

10\$00

Encadernado luxuosamente

18\$00

34.º — ANO — 1933

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MAIS uma vez o Carnaval estre-
buchou na agonia de estupi-
dês e tédio em que entrou, há
um século para cá. De ano para ano
esmorece. A gente moça compara e
afirma que há dez anos era bem me-
lhor. Os mais idosos corrigem dizendo
que há vinte, sim, valia a pena vê-lo. Os
velhos meneiam a cabeça saudosos e con-
tam as maravilhas de há cinqüenta. Do
mesmo modo fariam os centenários.

A queda da aristocracia, a subida da
burguesia, a mistura das classes, efec-
tuada pelos oitocentistas, tiraram à qua-
dra da folia todo o interesse. A liberdade
plena, gosada durante uma semana, por
aqueles que não a fruíam sempre, ganhava
sabor especial. O plebeu chufava o nobre,
o servo ao seu senhor, o pobre ao rico,
entre todos invertidas por inteiro as posi-
ções. E a barafunda, uma completa revo-
lução a rir, simulada, divertia quantos
nela entravam, pelo absurdo e cómico da
impostura.

Ora aconteceu que a farça do Carnaval
passou a caso sério, invertida em reali-
dade viva. Daí a semana perder o sentido.
Não seria este o motivo, ou história racio-
cinada do desencanto em que caíu?
Temos de aceitar pelo menos a coinci-
dência.

Ao passo que se firmava a democracia,
estiolava a alegria, ou folia corrente nesta
quadra festiva, de idade milenária, velha
como a civilização. Celebraram-na os egíp-
cios, aceitaram-na gregos e romanos, con-
sentiram-na os sucessores de S. Pedro.
Nas catedrais elegia-se em cada ano um
"Papa dos Loucos". Mesmo em Portugal
existia a cerimónia ridícula da escolha
e investidura de um "Bispo dos Fátuos",
mantida até ao século XVIII em várias Sés
do reino. O povo, no sagrado como no
profano saboreava a irreverência, sempre
grata ao paladar de quantos a praticam.
Era geral no mundo cristão esse acto pe-
riódico, equivalente a descarga de humor
repressado que explodia com estrondo.

Um embaixador do Orão-Turco inter-
pretou o que vira em tal momento nestes
termos: "Os parisienses em certos dias
do ano enlouquecem todos. A seguir
depoem-lhes no coruto da cabeça uns
pós brancos e recuperam o juízo".

Assim foi nos tempos em que Racine
andou pelo mundo.

Agora, nesse mesmo Paris, que é a
cidade mais livre do Universo, deixou
de conhecer-se o Carnaval. Pouco a pouco
as demais irão seguindo-lhe o exemplo.
O que ainda existe mantem-se à sobre-
posse.

As muito faladas festas de Nice, com
máscaras, carros, cortejos, batalhas de
papinhos e flores, no aneio de conser-

CRÓNICA DA QUINZENA

var a tradição milenária, transformaram a
índole do acto, desnaturaram-no, o que
não consegue fazê-lo viver.

O Carnaval de Nice não é Carnaval
como expressão, nem como ideia. O
verídico, autêntico, grato ao povo, desa-
pareceu e não volta, porque deixou de
ser preciso.

Agora começa a Quaresma. Dentro de
sete semanas completam-se desanove sé-
culos sobre o suplicio de Jesus de Naza-
reth, sofrido de boa vontade para trazer
a paz aos homens.

O ano centenario do sacrificio, pela
amostra dada nos dois meses decorridos,
promete pouco de pacifico. Três guerras
de nações, afóra as civis, mais ou menos
movimentadas do Oriente a Occidente, se
contam já no activo do mal augurado
1933. Arrisca-se a coincidir com hecatom-
bes, rios de sangue, a comemoração do
doloroso acto redemptor.

O russo, fracassado o estonteante plano
em que entreteve a imaginação durante
cinco anos, enraiva de desanimo, ao re-
conhecer perdidas as dores que lhe cus-
tou a lucta contra o impossivel.

Parece que o ditador sente menos fir-
me o terreno. E o braço forte do regimen
mostra-se menos decidido a dar-lhe apoio.
Ha quem fale num Bonaparte concebido
nas entranhas de Vorochilof, o generalis-
simo sovietico. Romances. Por enquanto
trabalha a fantasia. O que não impede
de admitir como logica uma grave per-
turbacão no imenso territorio, occupado
por 150 milhões de seres humanos cança-
dos de sofrer.

O alemão prosegue no preparo da
guerra interna e externa, em que fala sem
resguardo. Promete sufocar o comunista,
mais o social-democrata, depois quebrar
as algemas que Versailhes lhe applicou e
no fim continuar o magifico programa,
interrompido em 1918, de dominio sobre
o mundo. A entrada de Hitler, entre ou-
tros renascimentos, produziu o do gobi-
nismo que vem a ser a teoria do valor
primacial da raça loura, ou nordica, fa-
dada pela etnica para mandar nas de ca-
bello preto. Na pendencia ha-de depôr
tambem o Japão quando acabar de digerir
a China. De momento não se vê em terri-
torio germanico promessa de paz proxima.

Por seu lado o francês começa a es-
pevitav olhos e ouvidos, olhando e
escutando em várias direcções para
certificar-se de que uma palavra mal
soante, desagradável anda repetida
por muitas bôcas. E pergunta curioso:
"Que vem a ser essa ditadura, agora tão
usada?"

Uns respondem chamando-lhe pro-
cesso excelente, outros perigoso, ou ne-
cessário, útil, arriscado, inevitável, fatal e
muitos mais nomes de cambiante similar.
E o caso é que já em Paris andam pape-
ladas pelas esquinas pedindo uma Dita-
dura. Mais grave ainda. Uns comiciários
em Quimper, depois de terem barafus-
tado contra os males que pesam sôbre a
lavoura, partiram em tumulto para casa
do deputado governamental, quebraram-
lhe a mobília e desancaram-lhe a mulher,
qualificada de representante e participante
na situação do marido.

Não promete coisa boa, a favor da paz,
o povo parisiense, para este ano com-
emorativo da Paixão de Cristo.

O italiano, em boa harmonia com os
da sua grei, faz sinais ao húngaro, che-
coslovaco, bulgaro, albanês, e também ao
alemão, que sem se lhes perceber bem o
significado, não inculcam de cordealidade
para com outros, enaipados de modo di-
verso.

Deu o seu Conductor em atirar à cara
da Europa com os 42 milhões de habi-
tantes; faz disso cavalo de batalha para
obter espaço em que os meta. Dir-se-ia
que aos outros povos cabe a responsabi-
lidade de tal soma de nascimentos.

Dalí também se não augura que venha
feliz tributo para a paz universal.

E nós? Deixamos de bater-nos uns com
os outros, e porque não queremos con-
quistar, nem ser conquistados, nem que
nos considerem a primeira raça do uni-
verso, seremos talvez os únicos em con-
dições de celebrar o acto redemptor que
prometeu a «paz aos homens de boa
vontade».

Seremos, ou não? Tenhamos fé e fe-
chemos os ouvidos às vozes das Cassan-
dras que de hora em hora anunciam
cataclismos. Acreditemos na paz para me-
lhor a gosarmos; e numa paz absoluta,
transcendente como ninguém ainda alcan-
çou. Tãmanha que até nos permite dar
opinião sem abrir a bôca, sem fazer um
gesto. Vamos praticar um grande acto dei-
tados na cama, regalados a dormir, o que
realisa um máximo de perfeição.

Ao menos por parte dos portugueses,
Cristo reconhecera que não se perdeu
de todo o precioso sangue derramado
em favor do estabelecimento da concórdia.



Não era ainda meio dia, quando o criado, que não tinha despedido o «colete-de-serviço», anunciou, à porta do meu gabinete de trabalho: — Uma senhora. Um jornalista.

— Mande entrar primeiro a senhora.

O excelente homem hesitou, sorriu, e, com a serenidade de um criado inglês, permitiu-se observar:

— Têm de entrar ambos ao mesmo tempo.

— Porquê?

— Porque é uma pessoa só.

— Então, mande entrar a senhora e o jornalista.

Daí a pouco, o reposteiro de riço verde afastou-se e eu vi assomar uma mulher magra, distinta, flexuosa, coleante, trinta anos, pálpebras azues, sobranceiras rapadas, boca pintada em coração de carta-de-jogar, tipo de

UMA ENTREVISTA SÔBRE O AMOR

rapariga ultra-moderna, andando aos pulos, dançando com os ombros, avançando em movimentos que lembravam a marcha de um antílope e a música de Ravel. Já conhecia, de qualquer parte, aquela criatura singular, mas ignorava quem ela fosse. Fiz menção de lhe beijar as mãos, indiquei-lhe um Maple onde ela se assentou com notável desembaraço, e enquanto eu observava as suas pernas finas, «intelectuais» — como diz o romancista novayorkino Struthers Burt — pernas duma flexibilidade de junco e duma vibratilidade de vara de metal, perguntei-lhe, o mais amavelmente possível, o que desejava de mim.

— Meu caro senhor, eu venho entrevistá-lo.

— Sôbre literatura?

— Não.

— Sôbre política?

— Também não. Sôbre o amor.

Fixei, num demorado olhar de observação, a curiosa mulher que tinha na minha frente; considerei o seu talhe esbelto, o seu pescoço longo e bem lançado como o de Cryssoula Rodi, as suas mãos de porcelana côr-de-rosa, que me pareceram susceptíveis de perturbar a gravidade dum homem desprevenido; e foi com perfeita sinceridade que lhe perguntei, brincando com o monóculo:

— Não acha o assunto demasiado sugestivo para duas pessoas que se encontram sôzinhas?

— Eu não sou mulher, sou um jornalista.

— Peço desculpa. Supús que era

uma mulher. Estou às suas ordens, meu caro senhor.

Madame *** (omito o seu nome) tirou do saco um pequeno bloco, um lápis de prata que faiscou na penumbra do aposento, e, recordando o inquérito da «Sociedade de Higiene Social», criada pelo filho do arquimilionário Rockefeller, acêrca da maneira, mais ou menos galante, por que mil mulheres norte-americanas conjugaram o verbo *to spoon*, perguntou-me o que eu pensava do amor.

— Não acha — disse ela — que o amor é o fenómeno mais transcendente, mais profundo, mais complicado da vida inteira?

— Eu, não.

— Não?

— O amor é extremamente simples. Nós é que o complicamos.

A minha interlocutora tomou nota da frase. Para a escrever melhor, cruzou a perna com tanta rapidez, que lhe vi o calção de sêda preta. E, rápida, vivaz, nervosa, cheia de ângulos agudos como um cartaz expressionista de Knight Kauffer, insistiu no interrogatório:

— Mas, realmente, meu caro senhor, considera o amor uma coisa simples?

— O instinto número dois, como diz o filósofo.

— Então, como se explica que o amor tenha enchido e iluminado tôdas as literaturas? Que se contem por muitos milhares as obras sôbre o amor, escritas em todo o mundo? O que quer isto dizer, meu caro senhor?

— Quer dizer que os poetas precisam de mudar de assunto.

— E as tragédias, e os crimes, e as catástrofes que tem produzido o amor, em todos os tempos?

— São apenas erros de educação.

— Erros de educação?

— Sim, minha senhora. Tudo isso

desaparecerá com a educação dos sexos e o estabelecimento de uma nova moral do amor. E' o que se está fazendo na Russia e, de certo modo, na Alemanha nudista e na Noruega dos fjords azues e das raparigas freudianas.

— Quer então dizer que o amor...

— Quero dizer que o amor, minha amiga (dá-me licença que a trate assim?) tem muito menos importância do que geralmente se supõe.

— E, então, as grandes paixões que enchem uma vida?

grandes rosas assistiam, sem perturbação sensível, à nossa conversa. De súbito, a interessante rapariga levantou a cabeça, olhou-me, viu-me sorrir e, demorando um momento os olhos nos meus, disse-me, na sua voz metálica, que às vezes retenia nos meus ouvidos como uma campainha de alarme:

— Permite-me que lhe faça uma pergunta?

— Não tem feito outra coisa.

— De que é que o senhor se ri?

— Quer que lhe diga?

— Quero que me diga em que está a pensar.

— Estou a pensar na triste idea que os sábios do ano dois mil farão de nós, quando lerem os livros complicados que nós temos escrito sôbre o amor...

— Os homens escreveram muito sôbre o amor. Mas nunca chegaram a compreendê-lo.

— Porque nunca supuseram que êle fosse tão simples...

O criado bateu três pancadas prudentes na porta, e, quando pouco depois entrou, trazia um maço de papéis numa bandeja. Era a correspondência. Madame *** guardou o



— Isso, passou. Agora, não há tempo para paixões. Vive-se em grande velocidade.

— Mas o senhor contesta que a mulher é, e há-de ser sempre, a preocupação dominante do homem?

— Contesto. Hoje, a mulher é um simples incidente.

— Está convencido disso?

— Há mais em que pensar.

Madame ***, manifestamente desencantada, continuou a escrever no seu bloco as minhas frases, em movimentos bruscos, com tanta vivacidade ou tão mau humor, que o bico do lápis se lhe partiu. Sôbre a mesa, numa faiança azul de Delft, duas

bloco, o lápis, pintou a bôca, calçou as luvas, e, já de pé, estendeu-me a mão de dedos finos e longos como pernas de aranha:

— Obrigada.

— Já leva a sua entrevista?

— Não. O que me disse não dá uma entrevista.

— Pois eu sou menos exigente. A sua visita deu-me um artigo.

— Vai dizer mal de mim?

— Se voltar amanhã, mostro-lho.

— Nesse caso, até amanhã.

— Almoçamos juntos?

— Combinado.

— Como vê, não há nada mais simples...

Julio Dantas.

O incidente que está lançando um contra o outro os exércitos chinês e japonês faz pairar sobre o imenso oceano Pacífico a trágica ameaça duma conflagração mundial.

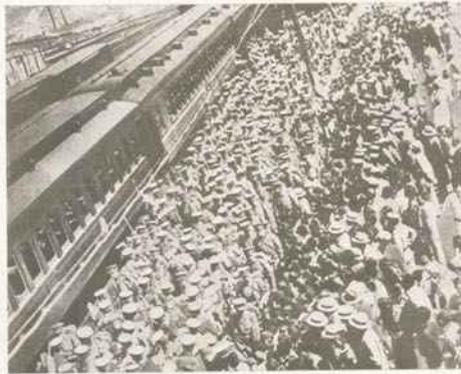
Para bem se avaliar a gravidade desta ameaça iminente, basta lembrar que nas margens do oceano, cujo nome pode dum dia para o outro transformar-se em cruel antonomásia, vivem cerca de três quartas partes da população do globo terrestre.

Neste palco grandioso, onde o drama começa a esboçar-se, agitam-se povos em todos os estágios de cultura e progresso — uns dispondo de todos os recursos da civilização, outros debatendo-se na mais absoluta miséria social.

Dum lado está o Japão, país dominado pelas mais terríveis inquietações. A sua população aumenta em assustadora progressão. Dentro de pouco tempo terá atingido 85 milhões de habitantes que se acumulam sobre o território reduzido do Império, explorado já em todos os sentidos.

Uma necessidade de expansão se lhe impõe. E perante esta exigência imperiosa duma raça próspera e cheia de energias não há que pôr tratados nem direitos internacionais. Os factos consumar-se-ão a despeito deles. É o que está acontecendo.

Outras preocupações afligem ainda o Japão. A sua civilização de potência moderna repousa sobre uma estrutura social



Um acampamento onde que de tropas japonesas — embarques que se registam diariamente — que são alimentadas a gigantescas foguetas da província de Jehol.

pode impedir a desagregação do actual estado social.

Em face dele está a China. Tudo se encontra dito sobre esta grande nação desmembrada, que se debate numa anarquia quasi completa. A miséria e a desordem social esmagam esse povo imenso e desgraçado.

São estas as duas pedras dominantes no tabuleiro do jogo. Mas a par delas outras se mantêm numa inquietante expectativa — os Estados Unidos e a Rússia.

Para os Estados Unidos o êxito das ambições imperialistas do Japão oferece um grave risco. Os seus interesses económicos na China seriam gravemente afectados se esse êxito se verificasse. Apesar das repetidas promessas do Japão de que a politica de "porta-aberta" será sempre mantida, é fácil prever que o domínio do Japão sobre uma grande extensão da China representará um rude golpe nos interesses dos Estados Unidos. Por outro lado, a expansão e fortalecimento do Império japonês representa um perigo para a hegemonia da América no Pacífico. E esta hegemonia é, para os Estados Unidos, uma questão vital.

Quando à Rússia a sua posição é quanto possível prudente. Não lhe podem também agradar o triunfo e conseqüente fortaleci-

mento do Japão. Mas fará de certo impossíveis para manter a mais perfeita neutralidade. A sua única via de comunicação com o Extremo Oriente — o caminho de ferro trans-siberiano — é insuficiente para lhe permitir sustentar um exército em luta nessas posições distantes. Além disso, um conflito poria em risco a realização do seu plano económico e a própria existência do regime soviético. Estas circunstâncias garantem, pois, dentro de certos limites, a neutralidade dessa poderosa força que é o Exército Vermelho.

Como dissemos, há que procurar a origem do conflito que põe em presença todas estas forças na irreprimível necessidade de expansão da raça nipônica — necessidade que, num país essencialmente militarista, só se podia traduzir numa agressão à mão armada.

Alguns terrefugos chineses que foram ao encontro de uma linha férrea de guerrilhas, agora dando o fecho ao acampamento, depois de aprisionados, com a indifferença característica da sua raça.

Uma expedição enviada do imperialismo japonês — o general Saito Araki — para ver os aspectos de estado e militar

TEMPESTADE NO PACÍFICO

O conflito da Mandchuria põe em perigo a paz mundial

de Washington ora o de Moscovo. Para conquistar as boas graças da América favoreceu a expansão do comércio americano no seu território, em prejuizo da influencia britânica. Entretanto, de há muito que hostilizava o Japão com a boicote dos seus produtos — boicoteagem tanto mais fácil quanto é certo que o ódio natural do chinês ao estrangeiro reveste um carácter mais intenso ainda quando se trata dos seus irmãos de raça, os japoneses.

Esta politica de hostilidades surdas que durava há longos anos, degenerou em 18 de Setembro de 1931 num conflito armado. As tropas japonesas invadiram a Mandchuria, tomaram Moukden e chegaram até Xangai, cujos arredores de Chi-pei foram teatro de violentos combates. Enquanto tinham lugar estes combates

de Washington ora o de Moscovo. Para conquistar as boas graças da América favoreceu a expansão do comércio americano no seu território, em prejuizo da influencia britânica. Entretanto, de há muito que hostilizava o Japão com a boicote dos seus produtos — boicoteagem tanto mais fácil quanto é certo que o ódio natural do chinês ao estrangeiro reveste um carácter mais intenso ainda quando se trata dos seus irmãos de raça, os japoneses.

Esta politica de hostilidades surdas que durava há longos anos, degenerou em 18 de Setembro de 1931 num conflito armado. As tropas japonesas invadiram a Mandchuria, tomaram Moukden e chegaram até Xangai, cujos arredores de Chi-pei foram teatro de violentos combates. Enquanto tinham lugar estes combates



Sobre as muralhas arruinadas que guardavam a fronteira da velha China numa extensão de 5.500 quilómetros, um soldado japonês faz tremolar a bandeira do Japão.

A verdade é que a questão da independência da Mandchuria nunca surgira antes de 18 de Setembro de 1931, dia em que se iniciou a invasão. Além disso, já por duas vezes que o Japão reconheceu a soberania da China, abrangendo nesse reconhecimento, evidentemente, as províncias que formam a Mandchuria.

Pretenderam os japoneses explicar os direitos da Mandchuria à independência pela evolução histórica do país. De facto, a Mandchuria foi, em tempos afasta-

do, independente. A sua anexação à China data da época em que os imperadores chineses conquistaram esse país.

Este argumento, porém, é illusório. A evolução étnica contraria em absoluto esse raciocínio. Assim, depois da conquista e dominação manchú deu-se o seguinte fenómeno étnico: os vencidos absorveram os invasores. A raça manchú quasi se extinguiu. E dos trinta milhões de habitantes que povoam a Mandchuria, vinte e oito milhões são hoje chineses.

Entretanto, o Japão não cessava de fazer formais promessas de proceder à evacuação das suas tropas, dentro de curto prazo de tempo. Mas ao mesmo tempo que repetia essas declarações, acumulava novas forças militares e dis-

mandchus conquistaram esse país. Este argumento, porém, é illusório. A evolução étnica contraria em absoluto esse raciocínio. Assim, depois da conquista e dominação manchú deu-se o seguinte fenómeno étnico: os vencidos absorveram os invasores. A raça manchú quasi se extinguiu. E dos trinta milhões de habitantes que povoam a Mandchuria, vinte e oito milhões são hoje chineses.

Entretanto, o Japão não cessava de fazer formais promessas de proceder à evacuação das suas tropas, dentro de curto prazo de tempo. Mas ao mesmo tempo que repetia essas declarações, acumulava novas forças militares e dis-

punha tudo para a segunda ofensiva a que estamos agora assistindo e que visa a vasta provincia de Jehol.

Os desígnios do Japão tornam-se, deste modo, cada vez mais evidentes. Proclamando a independência dessa parte da China do Norte, o Japão dispõe-se a alargar a sua esfera de influencia. E é duvidoso que as suas ambições de conquistador fiquem por aí.

Mas os resultados desta nova aventura militar são problemáticos. A China prepara a sua defesa, organizando uma resistência encarniçada que os nipônicos terão dificuldade em vencer apesar da grande superioridade do seu exército. A defesa heroica de Chi-pei incitou o espírito nacionalista chinês na defesa do solo pátrio, dando-lhe confiança no valor da sua resistência.

Além disso, o único exército verdadeiramente regular de que a China dispõe, entre as legiões desorganizadas que possui, não tomou parte na luta na Mandchuria, mas prepara-se agora para acorrer em defesa de Jehol. E será um obstáculo sério erguido ante a insaciável ambição nipônica.

De que meios dispõe o Mundo e a S. D. N. para pôr termo a este estado de coisas? Apenas do Direito. Mas o Direito — já atrás do dissemos — pouco vale em face da ansia profunda de expansão duma raça. E o Japão, país imperialista que consagra um terço do seu orçamento — mais de dois biliões de yens — ao Exército e Marinha, só pela politica de conquista podia satisfazer esse anseio da raça. Não é pois provável que o detenham argumentos de jurisprudência internacional. E o perigo consiste em ter de recorrer a outros mais persuasivos e violentos.

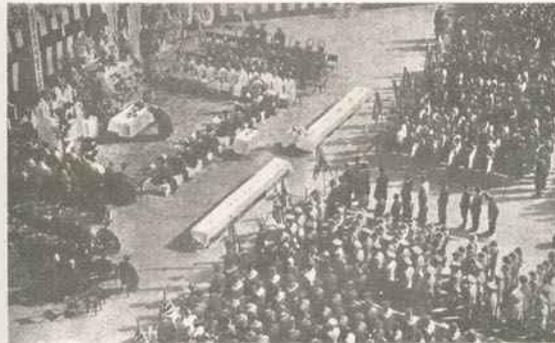
Manuel L. Rodrigues.



Uma expedição enviada do imperialismo japonês — o general Saito Araki — para ver os aspectos de estado e militar



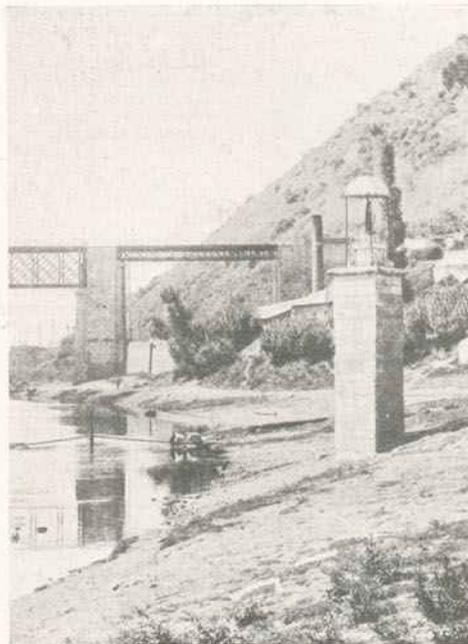
Alguns terrefugos chineses que foram ao encontro de uma linha férrea de guerrilhas, agora dando o fecho ao acampamento, depois de aprisionados, com a indifferença característica da sua raça.



Antes da partida para a frente de combate, um padre japonês solicita para as tropas invasoras a bênção do seu deus.



Milhares de crianças abandonadas a este tempo na Mandchuria, vítimas da guerra imperialista.



O palácio de Santa Iria nas margens do Tejo, na Ribeira de Santarém

EM Portugal — nossa terra bem amada — para onde quer que os nossos passos nos levem, ou nos conduza o espírito errante, em evocações de beleza, ou de saudade, vemos brotar sempre, como flores graciosas, de subtil perfume, as tradições românticas ou cavaleirescas de bravura, os dramas intensos de paixão, as lendas suavíssimas de delicioso sabor religioso. E não é só nos canteiros bucólicos dos campos, onde cada capelinha rústica tem a sua história simpática e ingénua, ou nos recantos menos trélegos das cidades pacatas, em que os nichos de santos, as portas rendadas segredam maravilhosas coisas, também as grandes cidades, os rios, os montes mais importantes muito nos contam de prodígios e milagres.

Entre as lendas religiosas avulta, por certos pormenores originalíssimos, a de Santa Iria — virgem que foi martirizada por não ter correspondido a dois amores — qual deles mais desvairado e feroz.

Padre António Vieira, num dos

seus notáveis Sermões, apõe o selo de autenticidade à lenda um pouco desfigurada nos romances.

É oportuno o lembrar-lá, quando as mulheres portuguesas, num rasgo de nobilitante solidiedade feminina, se propõem interceder pela justa libertação de Maria do Sol que, por ser honrada, se furtou aos propósitos sensuais dum sábio, foi vítima de calúnias vis e ebriosamente se desforçou. Porque — afirma o a língua imortal e eloquente do panegirista da Santa: — «A honra vale mais do que a vida. A morte apressa o fim do que necessariamente há-de acabar. A infâmia afronta, afeia, escurece e faz abominável a criatura e — menos cruel e



Fachada da igreja de Santa Iria em Tomar

mais piedosa seria, se a pudera matar».

Iria, formosíssima filha dum gôdo nobre de Nabancia — Tomar — é noviça no mosteiro duplex de beneditinos, sob as vistas paternais do santo abade Celio.

Britaldo, filho do senhor de Nabancia, atravessa um dia o claustro do convento e vê Iria.

O golpe é certo e fulminante. Cativo do encanto peregrino da noviça, dirige-se a casa dos pais da eleita, pedindo-a para sua mulher.

Amparada nos braços robustos da igreja, pôde a virgem, que por vocação fervorosa se prometera ao céu, negar-se às imposições do filho do seu senhor. O coração de Britaldo arde em labaredas deslumbrantes de amor. Ao receber o desengano, sofre um abalo tal que a sua vida corre perigo.

Adoece gravemente. Vai morrer.

Aflito o pai, senhor de Nabancia, obtém a licença do abade e reclama a presença da noviça, para salvar o filho das chamas calcinantes da paixão.

Iria compadecida acode. Sobre o corpo inerte de Britaldo traça devotamente o sinal da cruz. Uma orvalhada de graça divina refresca os ardores da febre, galvanisa a alma amortecida. As palavras de Iria, sublimes de carinho cristão, levantam o ânimo agonizante. A piedade religiosa aconselha a noviça a lavar uma promessa redentora: «se resolver não professar e se decidir ao casamento, só com Britaldo casará».

Renasce a esperança no peito do moço — esperança aliás illusória.

Em breves dias, após o restabelecimento de Britaldo, Iria é freira professa. Dois anos passam. A formosura de Iria é irresistível e feiticera.

O velho monge Remigio inflama-se sacrilegamente na chama de criminosos desejos concupiscentes pela freira. O fogo que devora o seu coração é como todo o que consome os carcomidos troncos das árvores mirradinhas.

A lenda de Santa Iria e o drama de Maria do Sol

Alastra em impetos e traças, desconhecidos ao lume ateadado em madeiras verdes. Declara-se. É repellido. Espicaçado pelo despeito que, quando faz ninho nas almas dos velhos, segreda-lhes infâmias singulares, calúnia e difama a immaculada esposa do Senhor, com a sanha bárbara que tem simile em nossos dias, entre os anciãos Sangalhenses e Deus sabe onde mais...

A maledicência da linda Nabancia vai trincando discretamente na virtude da casta Iria. O satânico frade não está satisfeito. Quer escândalo de sensação, vê-xame infamante. Com ervas daninhas prepara um filtro de sabor agradável, mas de perniciosos efeitos para a esbelteza da freira e consegue que ela o beba.

Não tardam a manifestar-se os resultados horrendos dessa beberagem. A virgem evidência de vergonhosa maternidade próxima. O monge publicamente a afronta, deplorando com perfídia a desgraça da monja. Os rebeldes a crer no mal, a serem contaminados pelo vírus da calúnia, que veneravam Iria como santa, passam a tratá-la com o desprezo e as humilhações flagelantes das pecadoras e das perdidas.

Britaldo ouve e acredita. Esquecido de que Iria o restituira à vida e só lembrado da promessa de ser lhe o escolhido para donatário privilegiado dos seus encantos, se a freira deixasse de ser virginal pertença do Senhor, sente transformar-se em ódio implacável o amor que lhe refervera no peito.

Iria sofre resignada os insultos e os enxovalhos. Para balsamizar as chagas causadas em sua alma, pelos juízos torpes do mundo, ergue os olhos luminosos às claridades fulgurantes da justiça divina.

Todas as noites, ajoelhada num penedo que se alteia junto ao leito verde de musgos viçosos, na cerca do convento e à margem duma ribeira, afluente do Nabão, a linda Iria conversa com Jesus, mostra-lhe o sacrifício intransitivo das suas dores.

Britaldo que o sabe, manda ali os seus soldados degolar a santa.

A cabeça decepada, o corpo retalhado de feridas rolam à água, deslisam entre procições de choupos e salgueiros até ao Nabão. Este julga-se mesquinho para

guardar tesouro tão opulento. Entrega-o à magestade do Tejo.

Em frente ao ponto onde hoje altiva exalça a sua fidalguia a mui nobre cidade de Santarém, detêm-se o corpo martirizado de Iria, a sua bela cabeça, onde só floriram pensamentos de lirial candura. Os anjos solícitos acodem a levantar-lhes um mausoléu — relicário digno de tão valiosa joia. Para esse mausoléu — assegura-no-lo Padre António Vieira — oferece o sumptuoso Tejo as suas areias de ouro fosforescente, os seus mármoles magníficos. Mas cioso do esplendor de tal riqueza e para castigar os homens vis, por darem crédito à calúnia, apressa-se a recolher o sarcófago em seu seio, lança-lhe por cima, em prodigalidades de nababo — homenagem à virtude límpida da virgem — a toalha cristalina e rútila das suas águas.

Santarém de hoje filha espiritual, bem amada de Iria, tomou o nome da madrinha, afeiçoando-o a seu geito. Nome a que os próprios árabes, durante o seu domínio, respeitosamente conservaram a brandura do ritmo, o melodioso encanto da poesia tradicional, chamando-lhe — *Chantreyn*.

... Santa Iria bem aventurada que ao pé dum penedo morreu degolada —

(murmúrio dorido do nosso romanceliro,



Aspecto das margens do rio Nabão em Tomar



Retábulo da capela dos Vais na Igreja de Santa Iria em Tomar

coado pela voz comovida das velhinhas contadeiras de histórias) — proteja a sua caluniada e infeliz irmã — Maria do Sol — e a livre dos ferros da República — bizarro prêmio do código português ao pundonor feminino. Que se fosse masculino...

Até para defeza contra supostas ofensas à honra, mais ou menos convencional, dos homens, quando pretensamente maguada pelo estouvamento da mulher, os juizes, as leis, a sociedade louvam e enobrecem o braço orgulhoso do assassino!

Emília de Sousa Costa.



á pesca

Um judeu comprou um bilhete da loteria e ofereceu ao Deus de Israel construir uma grandiosa sinagoga se lhe saísse a sorte grande, mas o bilhete saiu branco. Na loteria seguinte comprou outro bilhete e ofereceu ao Deus dos Cristãos construir uma enorme catedral no caso de ser contemplado com o prémio maior e apanhou a sorte grande. Contou o caso à mulher e esta disse:

— Fazemos muito bem em ser judeus. O nosso Deus é muito mais inteligente, porque percebeu logo, que tu, depois de te apanhares com o dinheiro não construías coisa nenhuma.

O pai recomendava ao filho:

— Enquanto as botas têm concerto não se compra calçado novo.

Um dia o rapaz levou um botão ao sapateiro e disse-lhe:

— Faça favor de me pôr um par de botas neste botão.

O Sargêdas, aquela manhã acordára feliz e satisfeito e estava bem que assim fôsse, porque era o dia do aniversário natalício de sua esposa. Quando entrou na casa de jantar abraçou a festejada e perguntou-lhe à queima roupa:

— O que queres que te dê hoje?

— Olha, filho, disse-lhe a mulher, o que me faz mais falta é um chapéu de chuva.

— Pois está muito bem, podes contar com êle.

Então a sogra adeantou-se e disse:

— E a pobre mãe, que tem sempre de acompanhar a filha, que fique numa sôpa, porque ela, coitadinha, também não tem chapéu de chuva.

— Pois amanhã é dia grande. Vem um

chapéu de chuva para a minha mulher e outro para a minha sogra.

Nessa altura a Rosa, a criada velha, choramingou:

— Pois é... só a pobre escrava é que tem que ir às compras debaixo de água.

— Pois não vai, bradou o Sargêdas, porque também apanha um chapéu de chuva.

Saiu o nosso homem de casa, para fazer as compras e começou por tomar um electrico. A seu lado foi sentar-se um sujeito que pendurou o chapéu de chuva no banco da frente. Instintivamente o Sargêdas agarrou no chapéu, ao mesmo tempo que pensava nas umbelas que tinha de comprar para a mulher, para a sogra e para a cosinheira.

O visinho do lado quando reparou que o Sargêdas lhe tinha tirado o guarda-chuva, bateu-lhe no ombro e disse-lhe:

— O cavalheiro desculpe, mas o chapéu é meu.

— Peço mil perdões, mas estava distraído...

— Está bem, está bem, mas é bom ter cuidado com essas distrações...

E saiu do carro.

Mais adiante, o Sargêdas saíu também, deu umas voltas pela Baixa, comprou os três chapéus, que o logista embrulhou, deixando os cabos de fóra e tomou o carro para casa. Mas, ó fatal coincidência, foi sentar-se ao lado do seu companheiro de viagem de pela manhã. Êste, quando o viu entrar com os três chapéus de chuva, olhou para êle sorriu e disse-lhe, piscando o olho:

— Pelo visto, o negóciozinho hoje não correu mal...

No tribunal:

O Juiz — E porque é que o senhor pregou uma sova no pobre judeu?

O reu — Por êle ter crucificado Jesus Christo.

O juiz — Mas isso foi ha mil e novecentos anos.

O reu — Pois sim, mas eu só agora é que soube.

Entre namorados:

Êle — Já sei que não queres casar comigo por eu ser careca. Pois nêsse caso

peço-te o favor de me devolveres as cartas e os presentes que te dei.

Ela — Está tudo á sua disposição. Só o que lamento é não poder devolver-lhe o cabelo.

— Então, você, meteu-se a fazer moeda falsa?

— Êles não deixam a gente fazê-la verdadeira.

— Quando estive no Pará passei horripelmente... Imagina que o termómetro marcava 48 graus á sombra.

— E quem te mandava estar á sombra?

Nas Caldas da Rainha:

— E como é que achaste o banho?

— Muito húmido.

O médico depois de vêr o doente, diz à mulher:

— Seu marido morre esta noite.

— Vai vêr que não morre. Ele é um homem que deixa sempre tudo para amanhã.

O professor de física dá a sua lição:

— Êste aparelho eléctrico, diz êle é tão poderoso que com uma simples descarga mata um homem e entontece um boi.

Depois, aproximando-se do aparelho para o pôr a trabalhar, apanha um enorme choque e cai para o chão.

Levanta-se imediatamente e diz aos alunos:

— Não se assustem. Só estou tonto.

— Entre amigas:

— Tenho-lhe um ódio tão grande que o vou arruinar.

— Como?

— Casando com êle.

— Este papagaio fala duas línguas.

— É extraordinário. E quais são?

— A portuguesa e a sua.

O pescador — Lino Ferreira.

CARNIVAL

As "Matinéés" infantis e os Bailes



NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES. — Algumas das crianças mascaradas que assistiram ao Baile Infantil de domingo gordo



NO CLUB BRASILEIRO. — Grupo das crianças que alcançaram prémios na «Matinée» Infantil, que se realizou no domingo gordo



NO ATENEU COMERCIAL. — No animado Baile Infantil de domingo gordo, houve distribuição de prémios às crianças mascaradas



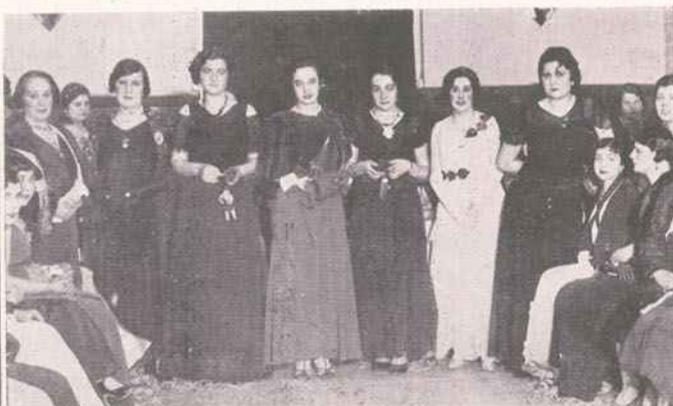
UMA «MATINÉE» ELEGANTE NAS BELAS ARTES. — No domingo magro, promovida por uma comissão constituída por senhoras da nossa primeira sociedade, efectou-se na S. N. das Belas Artes uma «Matinée» Infantil. Houve concerto da Banda da Guarda Republicana, seguido da exhibição da Orquestra Típica Algarvia. Depois, um lindo rancho de raparigas e rapazes do Ribatejo, dançou e cantou. A gravura mostra-nos algumas das crianças mascaradas que obtiveram prémios



NA FACULDADE DE MEDICINA. — Foi um verdadeiro acontecimento mundano o Baile realizado na Associação Académica da Faculdade de Medicina



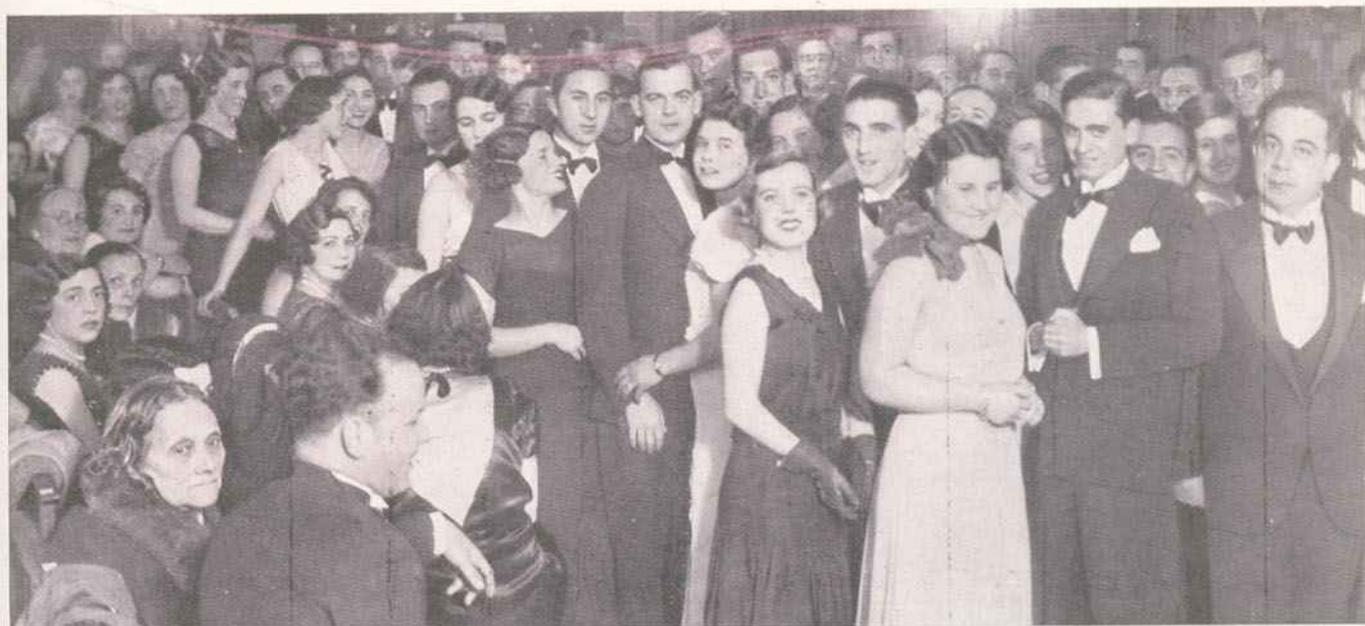
NO GRÉMIO DO MISÉRICÓRDIA. — Algumas das senhoras que assistiram ao Baile de domingo gordo



NA CASA DO ALCALDE. — As senhoras que obtiveram os primeiros prémios no «Baile Encarnação»



NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES. — Aspecto do Baile realizado na terça-feira de Carnaval



NO GRÊMIO DAS AVENIDAS NOVAS. — Inaugurou-se na Avenida Elias Garcia um novo club. O Baile, para abertura solene das suas salas, revestiu de grande brilhantismo



NA LIGA NAVAL. — Algumas das senhoras que assistiram ao Baile de teça-fetra gorda



NO GRÊMIO TRAZ-OS-MONTES. — Grupo de senhoras, tirado no domingo de Carnaval, durante o Baile



NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES. — Aspecto geral da assistência ao animado Baile de domingo gordo



Cosima Wagner

envolto no grandioso manto da fortuna e da admiração.

Poucos, como Wagner, terão tido o bem extraordinário de morrerem em plena felicidade. Wagner teve a suprema alegria de ver realizados os seus maiores ideais, na arte e nas mulheres, ambos intimamente ligados para complemento estético da vida.

Se não tivesse tido mulheres que estimulando-o o inspiravam, talvez o grande compositor nunca atingisse a realização integral da sua imaginação de formidável artista.

Se Wagner não tivesse encontrado mulheres como Matilde Wesendonck e Cosima von Bülow, esta filha de Liszt, talvez não produzisse obras como «Tristão e Isolda», impossível de conceber sem Matilde Wesendonck e «Parsifal», onde predomina a visão constante de Cosima.

A solene inauguração do Teatro de Bayreuth (*Festspielhaus*) com a estreia de «O anel de Nibelungo» — trilogia com um prelúdio, segundo a descrição do próprio Wagner — foi a demonstração clara da consagração de Wagner como mestre nas artes da música e da tragédia. Entre a assistência a esta festa memorável, via-se um grande número de testas coroadas: Guilherme I, rei da Prússia e imperador da Alemanha; Francisco José, imperador da Áustria e rei da Hungria; Luís II, da Baviera; os reis da Saxónia e Württemberg; D. Pedro, imperador do Brasil; o príncipe de Gales (depois

Em todos os países o cincoentenário do grande RICARDO

Eduar-do VII); o gran-du-que de Baden, etc., etc. Nunca, até então, artista algum havia recebido homenagens de tão altas individualidades como as que foram prodigalizadas a Wagner nessa célebre inauguração.

Os vários anos de luta porque Wagner passou foram de enorme rudeza e sacrifício. Só a sua excepcional energia e tenacidade, animadas pela poderosa chama da inspiração e a consciência do génio, poderiam ter-lhe conseguido o triunfo obtido contra todos os dissabores de que foi vítima: um casamento infeliz, dificuldade de meios, a incompreensão absoluta dos ignorantes e os ataques germinados pela inveja e pelos prejuízos que a sua sabedoria originaram. Desde novembro de 1836, data em que contraiu matrimónio com Minna Planer, numa velha igreja de Königsberg, até trinta e quatro anos depois, momento em que foi legalizada, em Lucerna, a sua situação com Cosima Liszt, a vida de Wagner nada teve de agradável muito embora a sua sombria existência, fosse iluminada com ardentes raios de deliciosa luz inspiradora. Assim, em Zurich, por exemplo, onde esteve desterrado, a companhia de Matilde Wesendonck, inspirou ao célebre compositor algumas das páginas mais deliciosas da sua obra, como sejam a despedida de Wotan e a incomparável tragédia de amor de «Tristão e Isolda».



Quinto de Ricardo Wagner em Bayreuth

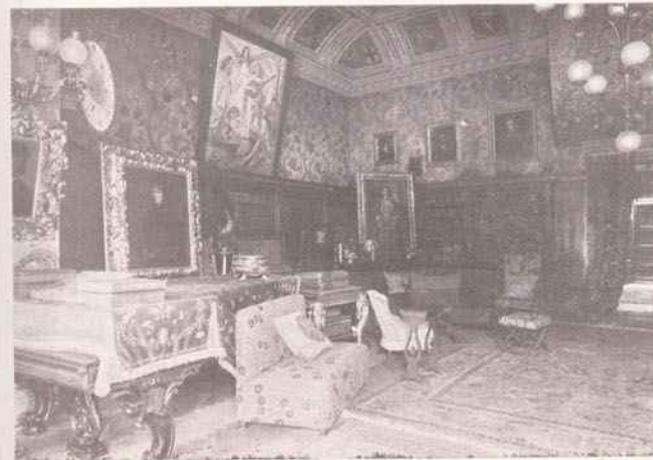
está sendo celebrado do falecimento do compositor WAGNER

Em Morney, próximo de Genebra, foram compostos, até 1856, alguns trechos da «Walkiria» e durante os anos de 1864-65, teve, Wagner, em Munich, nas margens de Starnberg, o privilégio de ser tratado como amigo íntimo do rei Luís II, artista e sábio em tal grau que nunca, depois dele, soberano algum conseguiu atingir.

Aquelas grandes honras não podiam durar sempre. Wagner entre as calúnias e os insultos que o povo lhe dirigia viu-se obrigado a fugir de Munich.

Críticos menos escrupulosos, chegaram a fazer notar ao rei a fraternal amizade que dedicava a Wagner, a quem apodavam de «incendiário», alusão injuriosa à atitude de generosidade e de protesto adoptada por ele, em Dresde, quando dos acontecimentos revolucionários de 1848.

Paris, a sedutora e atraente cidade miragem da Europa, também não foi propícia a Wagner. O célebre Maestro partiu, então, para Riga onde, em 1839, compôs a ópera «Rienzi». Numa das viagens de Riga para o Havre, o frágil veleiro que transportava Wagner foi apanhado por uma violentíssima tempestade. O terrível temporal com que se viu obrigado a lutar fez surgir na sua poderoso-íssima imaginação a concepção do seu belo poema «O Navio Fantasma». Tanto os infortúnios como a felicidade eram, para Wagner, estímulos enérgicos e formidáveis.



Sala de música de Wagner em Bayreuth

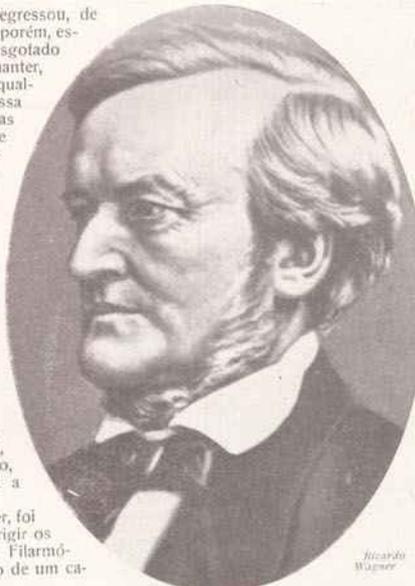
Tempos depois regressou, de novo, a Paris. Agora, porém, estava completamente esgotado de meios e, para se manter, foi obrigado a aceitar todo e qualquer trabalho. Datam dessa época as melodias escritas para os poemas franceses de Henri Heine «Dors mon enfant» e «Les deux Grenadiers».

Na grande capital francesa, entretanto, Wagner nunca triunfaria. Vinte e dois anos depois de ter chegado ali pela primeira vez, foi testemunha do fracasso da sua ópera «Tannhäuser», pateada pelo público por causa da orquestração que qualificava de original e a qual não estava habituado. E o seu magistral trabalho caiu, muito embora o Imperador e a Imperatriz Eugénia, que assistiam ao espectáculo, terem sido os primeiros a aplaudi-lo.

Quando, em 1855, Wagner, foi chamado a Londres para dirigir os concertos da «Sociedade Filarmónica», foi, nesta cidade, alvo de um carinhoso acolhimento.

O êxito obtido pelo então director da orquestra de Dresde, igualou-se aos triunfos alcançados anos antes, na mesma cidade inglesa pelos maestros Paganini, Liszt e Malibran.

Apesar de todos estes triunfos, passageiros e fugidios qual amena brisa, e dos instantes de felicidade fruídos por Wagner, as pesadas sombras que obscureciam a sua vida só foram dissipadas quando, em 1865, estabeleceu residência em Triebtschen, próximo do lago de Lu-



Ricardo Wagner

cerna e, decorridos dois anos, se ligou definitivamente, e depois de autorizado pelo ex-marido, a Cosima Bülow de quem em 1899, teve um filho, Siegfried Wagner. Wagner, só então foi verdadeiramente feliz, quer espiritual, quer materialmente.

O nome de Cosima permanecerá eternamente unido ao de Wagner na história da música e da arte.

A sua mútua paixão é única na história dos grandes amores. Única porque não foi condenada ao platonismo de Laura e Petrarca ou de Beatriz e Dante, nem terminou tragicamente como a de Eloisa e Abelardo ou a de Paulo e Francesca de Rimini, nem teve o fim da que o próprio Wagner consagrou a Matilde Wesendonck.

O amor de Wagner e Cosima foi a mais perfeita realização da felicidade. Teve tanto de impossível que se poderia julgar inacreditável se o teatro de Bayreuth e a ópera «Parsifal» não fossem testemunhos flagrantes e reveladores dessa realidade.

Entre o grande Maestro e Cosima deu-se o excepcional encontro de génios. Cosima era uma mulher capaz de ser um «alter ego», que se consagrara de todo o seu pensamento e toda a sua alma a Wagner.

Dotada de excepcional inteligência, teve, sobre Wagner, um ascendente que o levou a sacrificar as suas inclinações ao paganismo para se reconciliar com o misticismo e o septicismo cristão.

A ela, corresponde, muito legitimamente, uma parte dos grandes êxitos de Wagner.

Um crime horrível



O caso do dia na imprensa francesa durante a última quinzena foi o crime praticado em Le Mons por duas creadas: as irmãs Dea e Cristina Papin. Assassinarão Madame Lancelin e sua filha e depois arrancaram-lhe os olhos. As criminosas dizem-se victimas delas, por maus tratos recebidos. Afirmam que praticaram o crime num momento de alucinação.

Duquesa de Uzés



No seu castelo de Dampierre faleceu há dias a duquesa viúva de Uzés, senhora de grande fortuna, um dos maiores nomes da aristocracia francesa e que, um ano antes de morrer, ainda praticava vários sports, como natação, hipismo e ténis. Faleceu com 86 anos.

Dois amigos...



O campeão olímpico de natação, Buster Crabbe está filmando em Hollywood. Na nossa gravura vê-se o novo artista de cinema almoçando em companhia dum leão... dos muitos amestrados que há na cinematlandia.

A graça alheia



— O SENHOR NUNCA ENCONTRARÁ TRAZA-LHO SE O NÃO PROCURAR...
— É ESSE TAMBÉM O MEU PENSAMENTO...

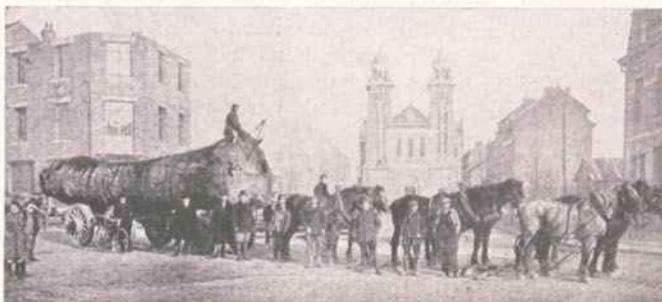
PELO MUNDO FÓRA

A catástrofe de Neunkirchen



Nas fábricas Stumm de Neunkirchen a explosão dum gasómetro destruiu uma parte do bairro operário e causou formidáveis estragos na cidade, que fica distante cerca de dois quilómetros. Houve 63 mortos e 160 feridos de gravidade. A procura de cadáveres nos escombros durou cerca de 8 dias. 80 prédios ficaram completamente destruídos. Os prejuizos calculam-se em mais de 160 milhões de francos.

Uma árvore com mais de mil anos...



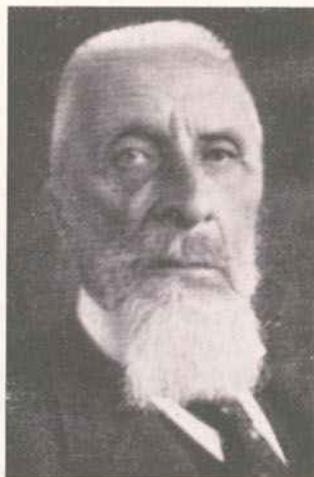
No cantão de Baileul, ao sul de Dunkerque, existe há mais de dez séculos, um formoso bosque. A entrada existia um velho carvalho que impedia o trânsito. Foi necessário cortá-lo. Eil-o a caminho duma estância. Media oito metros e meio de comprimento e seis de circunferência. Pesava 23.000 quilos.

O voto feminino em França



As mulheres francesas querem votar. Para isso, teem pendente no Parlamento um projecto de lei. Dizem elas, que pagando os mesmos impostos do que os homens, devem ter os mesmos direitos. A propaganda que teem feito alguns efeitos já teem produzido. Elas próprias andam pelas ruas colando cartazes. Na propaganda salientam-se escritoras, aviadoras, artistas e professoras.

Conde Apponyi



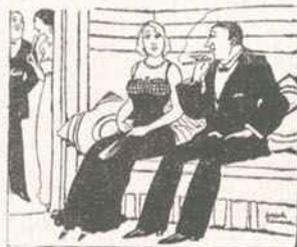
No dia 7 de Fevereiro morreu em Génève o conde Alberto Apponyi, delegado húngaro à S. D. N. Era uma figura europeia. Faleceu com 87 anos. Desempenhou vários altos cargos no seu país, tendo sido chefe de governo numa situação católica. A sua voz era sempre escutada com atenção. Foi durante alguns anos presidente do S. D. N.

Automobilismo



Na Exposição Internacional de Automoveis, em Berlim, apareceu, tendo causado sensação, uma carroserie original. No interior tem quatro *mapples* e uma meza. Serve para o «Week-end». O tecto pode ser tirado e o interior pode modificar-se, em quarto de cama, tendo pegados às paredes, quatro colchões de arame.

A graça alheia



— TEM A CERVEZA DE QUE ÉLÉ É MALANDRO?
— NE POSSO MENTIR, NÃO O AFIRMAVA... NÃO ESTÁ NOS MEUS HABITOS CALUNIAR OS AMIGOS...

Rainhas de beleza



PARIS elegu já a sua rainha de beleza. Madrid também. A eleição para «miss Europa» deve realizar-se em abril na capital espanhola. É a primeira vez que tal sucede. Madrid estará em festa durante a «Semana das Rainhas». Comecem a projectar-se festas e recepções. Quem vencerá? Todos os países europeus concorrem, excepto Portugal. Não se compreende a razão. Era um meio excepcional de se fazer propaganda do nosso país, demais realizando-se a competição a dois passos de Portugal.

Danças modernas...



LONDRES acaba de lançar uma moda na dança. — «A dança dos três»: duas mulheres e um homem. Começa a fazer furor nos salões britânicos essa nova modalidade de baile. O tango, diz um técnico é assim melhor dançado. A cadencia é melhor. Que mais no trará este século?

A graça alheia



— O REMÉDIO QUE LHE INDIQUEI FEZ-LHE BEM?
— ISSO SIM...
— É CURIOSO... A SI M TAMBÉM NÃO.

PELO MUNDO FÓRA

Manifestações na Irlanda



DE Valera continua dando que falar. Fizeram-se novas eleições na Irlanda. De Valera deseja a todo o transe a maioria necessária para a sua política, que se resume em contrariar o poder central de Londres. Cosgrave falou a uma multidão de mais de 20.000 pessoas, no College Green, em Dublin. No final do comício houve manifestações a que a polícia teve de pôr termo.

Um teatro só para orfanos



No «Théâtre du Petit-Monde», de Paris, por iniciativa de Charles Cler, realizou-se uma encantadora representação da peça «Sans famille». O artista mais velho tem 12 anos. Esta troupe infantil têm ido a varios teatros dár recitas de caridade para asilos e casas de beneficência.

Uma nova pintura



LOUIS Pascalis — uma pintora consagrada pela critica parisiense — acaba de fazer uma exposição em Paris. Todos os quadros expostos foram executados no ar, durante viagens de aeroplano. Dizem os jornais francezes que são notaveis de cor e de perspectiva.

A mulher e o «box»



EM New-York — estas coisas são sempre americanas — efectuou-se um combate de «box» entre mulheres. Foi um espectáculo que interessou a população. Assistiram cerca de quinze mil pessoas.

A exposição Rabelais



NA Biblioteca Nacional, de Paris, está aberta ao público uma exposição consagrada a Rabelais. Estampas dos seus livros, artigos que lhe foram consagrados e tudo quanto se relaciona com o autor célebre do «Pantaganel».

Campeã aos 12 anos

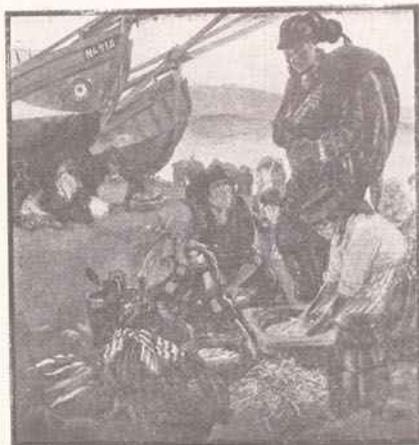


CONQUISTOU o titulo de campeã da Alemanha, em patinagem artística, a pequena Marie Herber, de Munich, de 12 anos de idade. Bateu todas as suas competidoras e competidores com extrema facilidade.

A graça alheia



— TANTA AGUA, TANTA AGUA, PODIA SER UTILISADA...
— O SENHOR É ENGENHEIRO?
— NÃO, SOU LEITEIRO.



INDIFERENTEMENTE, em qualquer costa marítima do mundo, existe uma humanidade à parte, dotada, por assim dizer, de uma alma marinha. São os pescadores, os homens que vivem, senão na água, no ambiente do mar. Os seus povoados, como que improvisados, dizem-se «lactístres», não distam das ondas mais do que o suficiente para as marés os não levarem. O que está para além na terra, não lhes interessa, como se a sua única Pátria fosse a orla da terra, que não sabemos se desce a beijar as ondas, se são as ondas que sobem a



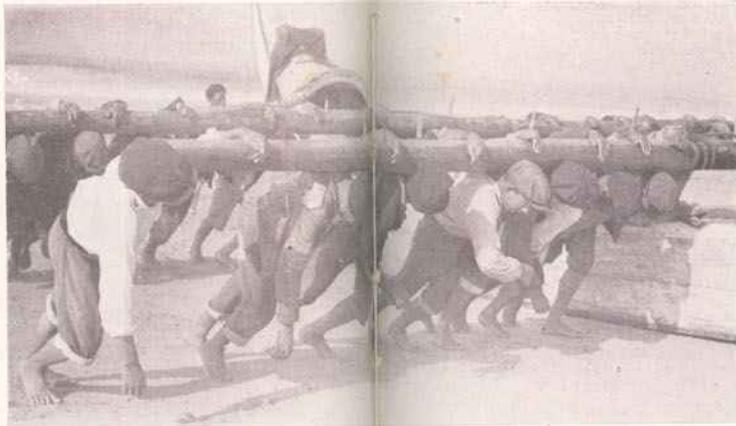
beijá-la. Os seus trajos sóbrios, arregaçados, são os da sua vida toda entregues às águas. Assim, eles acertam as condições da sua existência pelos sinais que, instintivamente, decifram nos horizontes do mar; e daqui o seu grande espírito dócil e místico. As suas mulheres, são plenas de graça nos ares, nas atitudes, na alma, como a arte-nobre de D. Raquel Roque Gameiro no-las soube dar, nos seus ambientes translúcidos de espiritualidade. Um traço-de-união liga a vida dos pescadores à do mar: é o barco, com os seus remos e as suas rédes, todos os utensílios

de navegação e de pesca. A embarcação assim armada merece-lhes maior disvelo que o próprio lar; põem-lhe nomes tutelares, de Santos ou de bom-agoiro; e em volta se unem as famílias laboriosas, unidas, fieis, que são as companhias. Os seus únicos chefes, a que obedecem, quasi sagradamente, porque nêles depositam a própria vida, são os mestres das companhias, os patrões dos barcos.

Velhos lobos do mar, que o trazem nos seus aspectos graves, sabem de cór todas as manobras de barco-ao-mar e de o dirigir pelas ondas, tomando o pulso aos ventos, consultando as nuvens, olhando o mar, entendidamente, como de igual para igual, por vezes resmungando com ele. E assim, ordenam quando há que sair para o largo, muitas vezes, apesar de tudo — porque a vida obriga; quando não é por fanfarronada, para experimentar os homens ou tomar o passo às outras companhias... porque está *marsinho*...

Mesmo em tempo calmo, com mar-chão, a manobra do barco-ao-mar, e pior, a do encalhe, é um dos trabalhos-forçados que distinguem a odisséia dos pescadores. As suas embarcações, que de longe parecem frágeis, são de arcaiboço resistente contra as fúrias do mar, alcatroadas ainda por cima, longas, de dez e mais remos, pesadas e, apesar do seu fundo chato, cravam-se na areia, quando em seco, a uma distância a que não chegam as marés.

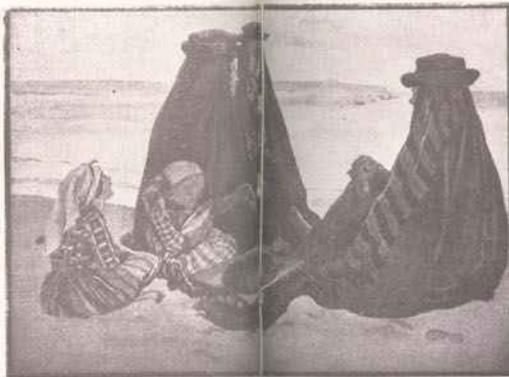
Pois bem: há que diáritamente arrastá-las dali até lá baixo, às ondas e pela manhã; está-se na vazante, que ajudará a manobra, e não se pode tardar. A praia fervilha de gente quasi nua, expedita, como picada pelo frio, e ouvem-se as vozes bronzadas dos mestres, comandando, esparrinhando maldições, que parecem vir lá do fundo do mar. Atravessam-se nos barcos grandes rolos de madeira, e de cinco a mais homens de cada lado metem ombros a êsses grossos jugos, uma das mãos por cima, a outra pendendo para diante com os corpos, no esforço brutal em que os pés se fincam na areia revulsa e pragas indistintas, guturais, saem da sufocação humana como do monstro de pau alcatroado, que lá vai deslisando em se-



A ALMA DOS PESCADORES E A LUTA NO ALTO MAR

co. Depois, ao singlar já ao molhado, a sua resistência parece mingiar, mas os pés escavam, com a água, a areia, e no esforço violento que diminui, tem que se juntar maior agilidade. Finalmente a embarcação flutua, vai singrando por si como se o próprio Deus a aliviasse dos ombros humanos. Mas ainda se não descansa: corre-se chapinhando na água; recolhem-se os rolos de madeira; saltam-se prestamente para bordo e empunham-se imediatamente os remos. Há então que remar — remar com todas as forças, fugir da praia. O patrão já cravou o leme, toma o limão, de pé, dominador, de frente para o largo, comandando sempre, impondo-se em altos gritos, injuriando.

Mas a manobra vai, sustenta-se bem com a destreza e o vigor conjugados de toda uma companhia, quando ha calma ou apenas uma maré leve. Porque, outras vezes, a madrugada invernal, arripante, mal desponta do nevoeiro, da cenúria. O mar nem se vê; ouve-se só, agoireiramente, a sua arrebentação de vaga alta. E pode ser que, apesar de tudo, o mestre mande chamar os rapazes. As mulheres, já a pé, na lida da casa, murmuram orações contra o vozeirão



presagio que esbraveja lá em baixo. Quantas não têm já lá um avô, o pai, o marido, um filho!... Mas o pescador, jovem ou velho (quando não todos os homens dum lar) sai de casa, o casaco ao ombro, em silêncio, com um simples esconjuro a Nossa Senhora ou praga breve, que se disfarça, que nunca é contra a ordem sagrada do mestre. E o mar que é traiçoeiro; às vezes sai-se só com um leve chuvisco, pouca arrebentação, e lá, ao largo, tudo se transforma, muda de figura, enquanto o diabo esfrega um olho...

O vento corta a chuva, a vaga entra em balancé, cresce, cresce sem destino, o barco guina assustadoramente, embora sustido a toda a força dos remos, alteia-se, joga nos ares com toda a tripulação, precipita-se lá de cima nas profundezas que se escavam para engulir o mundo. Então só ha que manter, a força de remos, a prôa para essas montanhas de água, que se formam e desencadeiam e galopam de todos os lados. O patrão surge à pópa, de pé como um hercules fulminante, ora lá e ora lá em baixo, quando se marinha pela vaga a toda a ância da remada; ora lá em cima, quando se desce de escantilhão, se precipita de prôa, os

remos no ar, sabe Deus para que abismos!

— Eh rapazes, vamos com Nossa Senhora!

E logo, com a mesma alma, cheia de violência:

— Rai's partá'o serviço, almas do dianho!

Os remos desceram com fúria, mas não encontrando o apóio, a resistência da água, a remada foi em falso; e há que mergulhar logo outra, mais funda, puxando com mais ardôr. Não para fugir, para aportar... Sabe-se lá para onde fica a terra! Tudo em volta são montanhas de água que se desencabrestam, jogam monstruosamente com o nevoeiro, afundam remoinhos de cachão que referve; e só ha que receber tudo aquilo de prôa, porque, se se apanha de bordo, lá se vai tudo de pantana... como ponde suceder a outros, mesmo ali à vista, e que se vão pelos ares como numa explosão, para logo desaparecerem! E ainda, a-pesar da firmeza, da fé, se pôde dar, adreçe com algum escolho que tudo despedace... Mas vai-se com Deus, e assim se luta, pois não ha tempo de rezar!

O esforço, a molha até aos ossos, a luta que se encarniça, começou logo, talvez, com o barco-ao-mar, não só para o levar para nado, mas ainda para o manter de prôa — sempre de prôa, para a arrebentação que quis faz-lo girar como um pião. E o mesmo rebentar ainda ali, no largo, salpica como granizo, respira-se

com a ância da vida, alaga, mas o encharrado confunde-se já com o suor, naquela luta alenada, sem trégua, durante horas, com a morte que referve em caldeirões de mar, esbraveja em volta com os seus braços de léguas, abrindo as suas gué-las monstruosas. E por vezes a noite desce, consuma em trevas os abismos galopantes em que se anda bailando naquele inferno vivo, onde um ou outro homem, que geralmente fraqueja, desaparece num relâmpago.

Não ha tempo para rezar. É o mulhêrio quem reza entre gritos e choros, agitando archotes numa convulsão de espertros, pela praia. É o seu clamor de oração, de rogo, que aplaca, com a vontade divina, a tormenta que não linha fim. São os seus fogachos agitados de aflição, que chamam, acenam disveladamente, de terra.

E os barcos vão vindo, um a um, aos dois, aos três, aproximando-se com a



graça do Senhor. Quais serão os que se avistam? Qual será este, aquele? Quais teriam ficado no mar?... Todos os barcos são iguais, de prôa recurva, orgulhosa de ter desafiado a tempestade. Mas em breve se distinguem, se reconhecem as companhias. É a de ti Zé do Anzol a de ti Manel das Furnas; louvado Senhor!... Atrapa-se para a margem a multidão dos espectros desgrenhados, num côro alto, confuso, de apêlos. E a companhia. Mas virão todos que foram? Gritam-se as alcunhas, numa angústia já esganada. Porém, ainda a luta dos que chegam, enfim safos, não cessou; não têm ainda tempo para atender súplicas, queixumes, votos a



Nossa Senhora; nem sequer darem parte de que estão vivos. E que ainda não está safo de todo o perigo, o barco. Há que pô-lo a seco, arrastá-lo areal a-riba, até onde lhe não chegue a próxima maré. O mestre dá o exemplo, não abdicando ainda do seu comando sempre violento, trovejante... Há que dispender ainda um último esforço angustioso, com o barco — o ganha-pão onde amanhã, para viver, se tenha, talvez, de desafiar de novo, assim encarniçadamente, a Morte.

Aléixo Ribsiro.

Fotos de João Martins
(Agências de Hiquel Roque Gameiro Ottilini)



A mocidade que data *d'après-guerre* desconhece muita coisa boa que a voracidade dos tempos e, sobretudo, a gula da Senhora Civilização foi engulindo, na sua ânsia de destruir para fazer de novo.

E o que é certo é que o novo nunca é melhor do que o que acabou, e quantas vezes um objecto que parece não servir-nos mais, por inútil ou antiquado, nos presta grandes serviços, em ocasiões de apuro, em que as novidades falham por completo.

O dictado «atrás de mim virá quem bom me fará», contém tódá a filosofia a extrair das frases que o precedem, nesta crónica.

Não, nunca o futuro será melhor do que o presente, como o presente não é melhor do que o passado.

Enfim, às vezes, por excepção, pode ser que a regra melhore e nos dê motivo para nos arrependermos das nossas afirmações. E oxalá que assim fôsse. Para quem perdeu a esperança e em nada acredita, enganar-se é um bem.

Pois é verdade. Essa senhora que gosta de desmanchar prazeres, a tal Civilização, tem feito bastantes partidas à alegria da gente, transformando-a num quasi autómato, movendo-se pelas molas da etiqueta e do protocolo.

Neste tempo, que pede folia e bom humor, mais se fazem sentir os malefícios dessa dama rabugenta.

Carnaval, bom Carnaval de outrora por onde te perdeste tu?

Já ninguém te põe a vista em cima, e mandaste-nos um supra muito aborrecido, muito sensaborão, que não te chega ao dedo «maminho».

Estou a ouvir a azáfama endiabrada do domingo magro, porque já então tu eras levado dos diabos, com as tuas pandeiretas, as tuas guitarradas, a tua festa esguedelhada de grande telhado.

Pelo Chiado abaixo, as paródias saloias, as danças da luta, onde se salientava a chamada «da Bica», pelos seus arrojados de acrobacia.

Oh! esta dança, que o Avelino de Sousa — rememorou no *Bairro Alto*, reconstituição esplêndida de Armando de Vasconcelos, que saudades me faz!

Se vocês tivessem assistido a isto, rapazinhos da moda de hoje enfiados em águas minerais e copinhos de leite — se vocês vissem visto tudo isto, com certeza que seria a cópia exacta do

vosso pai, o homem-másculo que não se assustava com um garraio pela frente, nem cambaleava com uns copitos a mais, em dias festivos.

Sim, porque essa alegria, essa mocidade havia de ser para vocês um tónico maravilhoso.

Aqueles matulões que no alto das escadas formavam grupos atléticos, com assombros de força, eram bem os lídimos representantes da valentia da raça, que nenhum empreendimento assustava, por mais perigoso que fosse.

Eles a tudo se abalançavam, e mais pareciam saltimbancos, com as suas camisolas e pantalonas cor de carne, que uma tanga unia, do que uns simples amadores, só vindo a público com suas façanhas, no Entrudo.

Eles simulavam batalhas, nas suas danças, com lança e escudo, com ataques, e reviravoltas imprevisíveis, e obedeciam, como soldados, à gaitinha do chefe do bando, em marcações variadas.

Todos estes grupos, paródias, danças e cegadas iam ter ao Largo do Rato, ao Palácio do Marquês da Praia e Monforte.

Em frente do portão, faziam-se as mais completas e perfectas exhibições do dia.

Era um despique, a ver qual

Onde estás, Carnaval, que não te

se saía melhor e melhor merecia a gratificação do sr. Marquês.

Porque era coisa sabida. Sempre, no Carnaval, ali se recompensava qualquer espectáculo ou manifestação graciosa e era ali o encontro aprazado.

Então tudo servia para disfarce. Não havia ralações com a compra dos setins e crepes de china para os vestidos de fantasia. Uma «Pastorinha» de setineta reles tinha lá dentro mais encanto, do que os dominós de veludo ou brocado que loje se impõem.

Dominós, então? Era num rufo que apareciam, e sem grandes trabalhos nem gastos.

Uma colcha de chita, um lençol, franzidos na cintura, outro franzido no pescoço, um laço de fita, num apanhado, no alto da cabeça para formar o capuz, e pronto.

Os homens bastava-lhes porem a fralda da camisa de fora, na cabeça uma fronha de *crochet* a tapar a cara, e eles lá iam levados pela cidade adiante, de gorra com o clássico «Galego», e o não menos clássico «Chéché», com as suas lunetas de lata, fardado à Luís XV.



Carnaval, oíço rir?

Assim contado, parece que estas vestimentas improvisadas eram ridículas e, talvez, pouco decentes.

Qual! O espírito tudo alinda, e essas máscaras, tão pouco atraentes no seu lado exterior, traziam consigo a alegria esufiante e capitosa, que não dá hoje em dia uma garrafa de Champanhe.

E brincava-se a valer. Eram tremoços aos alqueires com as suas gemas de ovos à mistura, e gastava-se mais farinha, do que os padeiros empregavam para o pão de uma semana, a tódá a população.

Desgraçado do que passasse debaixo das janelas do *Tauromáquico* ou do *Turf*. Caia-lhe tudo em cima, com *coçotes* de serradura, alguidar. s de tremoços, água e farinha, que o sujeito já nem sabia quem era nem de onde vinha.

E se trazia cartola ou chapéu de côco? Pobre bicho, que saía feito num bolo, das mãos daqueles «selvagens», dirão os que nunca viram gáudio tal.

E ninguém escapava. Nessa data não havia classes. Havia só gente que se divertia e obrigava os mais surumbáticos a fazer a mesma galhofa.

Quem não queria brincar que não saísse de casa, pois então?

Só para vêr? Não, neste espectáculo todos tinham que ser actores.

Espectáculo monstro, sem contra-regra, todos desempenhavam os seus papéis, e entravam sempre a tempo, de vontade ou à força.

Duma vez, num desses dias de loucura



colectiva, morava eu justamente no Chiado, ouviu-se gritar um garoto, como arauto antigo dos grandes senhores:

— Vem aí o D. Afonso!

E logo tudo se aprestou, de todas as janelas, com as munições de batalha.

Quando no seu Phaeton a duas parelhas, o Infante: passou pela animada artéria, de fato velho, um feltro carregado só-re os olhos, foi bonito!

Eh! rapazes! como dizia a Maria do Ó na *Revista do Coliseu*, eh! rapazes! aquilo parecia o fim do mundo.

Eram sacos de tremoços às mãos cheias, era cartuchos da melhor farinha de trigo, eram ovos, era água, e o D. Afonso nem por isso apressava o trote dos cavalos.

Valente até ali. Na altura das minhas janelas, acertei-lhe com um ovo no chapéu que lhe pingou no bigode, tornando-o mais loiro ainda. Ele riu-se, e foi só então que chicoteou os animais e voltou para a rua do Carmo, numa corrida vertiginosa. Já tinha a sua conta.

Isto é que era divertir, rapazes! Sem protocolo, sem medidas, e sem éter.

Só as hisnaguinhas, com mais ou menos das mãos de Colónia, salpicavam as nuças das raparigas.

Nesse tempo, ainda não havia as pernas ao léu, que são hoje o forte para as bisnagadelas dos mocinhos.

E tudo, depois de um dia desvaído, ia dar com os ossos — à cadeia, pensarão vocês — mas não — ia tudo mas era para o baile do Salão da Trindade, que teve fama pela animação, onde nunca faltava a Saloia do Carnaval — uma benemérita que pedia para os pobres, porque no meio da pândega não se esquecia a desgraça.

Ali, então, os pares não se desengonçavam em dansas tremidas — como agora.

Dansava-se a polka janota, onde se destacava a sopeira e o seu guita ou, então, uma valsa dolente, que Columbina e Pierrot aproveitavam para architectar seus projectos de amor.

Um mestre sala, de bigode em riste, dirigia o movimento, e logo seguia de novo sem atropelamentos de maior, a não



ser a cambalhota de um *Bébé* azul, que na sua pressa mostrava as ligas cor de rosa!

Os rapazes do tom, os moços finos, nunca faltavam também ao lado do povo, nos festejos do rei folião.

Organizavam belas cavalgadas, reminiscências do *sport* predilecto do amante da Severa.

Lembro-me dum caso engraçado: Uma dessas cavalgadas trotava pelo Chiado e, em frente da Pastelaria Marques, um cavaleiro lembrou-se que eram horas do chá. E, como não quisesse aparecer-se da sua montada, enfiou pela sala dentro, com cavalo e tudo.

Galante, dirigia-se para a minha mesa, com um sorriso, quando o Quaresma, sócio do Manuel Marques, lhe saiu ao caminho, empurrando-o para a porta.

O cavaleiro atirou-lhe com esta: — Você ha-de sempre mostrar que é bruto!

E o Quaresma fóra de si, por quererem impingir-lhe um freguês para o qual não tinha mangedoura, soprou furibundo:

— Vocês andam trocados. O cavalo é que devia montá-lo, a você.

O cavaleiro pôs-se em pé no estribo, fez uma vénia, atirou-me um beijo, e recuou, como nas cortezas das touradas. E não sucedeu mais nada.

Mercedes Blasco.

(Cliches da Fotografia Vasquez).

AS ÚLTIMAS NOTAS GRÁFICAS



O AEROPORTO DO RIO DE JANEIRO — A capital brasileira está ter, em breve, o seu aeroporto. O local acaba de ser escolhido. Está situada a entrada da baía, num novo bairro que está sendo edificado. Quando se poderá receber o mesmo do aeroporto de Lisboa?



A ÉPOCA BALNEAR — O calor aperta este ano, no Brasil, como não há memória. A estação balnear, comida a população a aproxima-se do mar e do campo. Tudo foge para Petrópolis, para Piraí, para Teresopolis. O recio da estação anuncia-se esplendoroso. As praias estão cobertas de gente, que se diverte, refrescando-se, e os hotéis das pequenas povoações ao campo vão com um lugar sagro.



NOVAS MEDALHAS — Os novos aspirantes a oficiais do exercito prestam juramento. Foi uma cerimonia militar cheia de solenidade. Houve tambem distribuição de diplomas dos alunos que concluíram o curso.

DO QUE SE PASSA NO BRAZIL



Um monumento — A 19 de Janeiro de 1906 explodiu na baía de Jacaranga o couraçado brasileiro «Aquidaban». Em memoria dos marinheiros mortos foi levantado um monumento. No dia da sua inauguração, houve missa e varias autoridades oficiais discursaram numa sessão solene que se efectuou.



Em ARRABADA-CAS — O edificio onde estão instalados os escritorios, redacção, officina e administração de «A Noite» e um arranha-céus com 23 andares. É um dos torraes de maior creitação no Brasil. Os seus servicos em Lisboa estão sendo dirigidos pelo nosso colega Gastão de Bettencourt.



COLUMBIA-PLAN — O governo brasileiro enviou para a zona onde se está desenvolvendo o conflicto Columbia Peru, uma esquadra de auxilio. Um dia, ao chegar a cidade da Vitória sofreu um desastre, tendo ficado inutilizado. O piloto nada sofreu. (SERVIÇO FOTOGRAFICO DO JORNAL «A NOITE» DO RIO DE JANEIRO)



Marlene Dietrich tendo, a seu lado, o pequeno Dickie Moore em «A Venus Louca».

A semelhança de Greta Garbo, Marlene Dietrich é uma das «estrelas» que se nos oferecem envoltas numa auréola pesada de mistério.

Mas isto que em Greta Garbo é obra dum publicidade insistente e da própria imaginação das multidões, é para Marlene Dietrich produto do esforço inteligente dum realizador de génio.

Esse realizador, como o leitor não ignora, é Josef von Sternberg. Ao seu poderoso génio criador se deve esse admirável símbolo feminino que é Marlene Dietrich — mulher feita de energia, ternura e pecado.

Entre tantas criações que o cinema conta nenhuma se lhe avanta em vigor e profundidade. Nenhuma outra oferece, para o psicólogo como para o curioso, matéria mais vasta para reflexões e sentimentos. E seja-nos permitida uma afirmação que talvez pareça hoje exagerada: Marlene Dietrich é dentro do cinema individualista dos nossos dias uma das suas mais altas expressões.

A este critério não deixarão em admiradores de Greta Garbo de opôr o exemplo da célebre artista sueca. Assim se renova a comparação, tantas vezes estabelecida, entre as duas famosas «estrelas». Contudo, é justamente comparan-



A emocionante despedida de Marlene noutra cena de «A Venus Louca».

do-as, sem paixões, que a diferença entre ambas se accentua e que o carácter excepcional, único, de Marlene se evidencia. É verdade que sobre uma e outra paira uma auréola de mistério. Que ambas animaram, superiormente, no *écran*, o mágico poder da sedução feminina. Mas o que as separa, o que põe entre as duas uma distância enorme é as personalidades que criaram, que

fizeram viver nos reflexos do *écran*. Greta Garbo é, sem dúvida, uma actriz de raça. Cada uma das suas interpretações é prova eloquente disso. Mas a sua personalidade tem um carácter literário. É uma influência romântica dentro do cinema. E como actriz representa no cinema como poderia representar no teatro. Admiravelmente, de resto — como só o pode fazer uma grande artista.

Marlene Dietrich, pelo contrário, é uma criação específica do cinema. A sua arte de representar não poderia ser transplantada para o palco sem ficar diminuída. Tanto assim que Max Reinhardt, o grande encenador alemão que durante muito tempo dirigiu a sua actividade no teatro, não soube adivinhar nela a actriz prodigiosa que estava destinada a ser um dos ídolos do Mundo inteiro.

Greta Garbo é, pois, uma criação requintada, artificiosa, idêntica a muitas outras que o teatro e a literatura têm produzido. Marlene, um símbolo talvez desumano, mas cujo vigor e realidade não sofrem comparação.

É e é justamente pelo seu carácter de excepção, pelo rigor do seu recorte, que acima a classificamos como a mais alta expressão do cinema individual e psicológico da nossa época.

Esta Marlene que o público conhece, que estamos habituados a admirar nas suas inesquecíveis criações, não existiria hoje por certo, se um acaso a não tivesse colocado em presença de Sternberg.

Quando este célebre realizador conheceu Marlene e a chamou para lhe confiar o papel principal num

CINEMA

MARLENE DIETRICH

genial criação de Sternberg

dos seus filmes, acabou ela de interpretar o seu segundo filme sob a direcção do realizador francês Maurice Tourneur.

Em ambos os filmes em que já tomara parte, Marlene desempenhara papéis modestos, sem relevo. Ninguém tinha ainda atentado bem nessa actriz de sorriso enigmático nem se lembrara de sondar esses olhos fascinadores. Maurice Tourneur deixava fugir das mãos essa jóia raríssima sem lhe adivinhar o valor.

Mas o destino dotára essa mulher do mais alucinante poder de fascinação que se pôde imaginar, e esse poder cedo ou tarde havia de exercer a sua profunda influência. Sternberg foi a sua primeira vítima. Marlene introduziu-se na sua vida, dominou a sua arte, transformou-se na sua obsessão... Antes que «Anjo Azul» se encontrasse terminado já o destino ligara para o futuro as carreiras dos dois artistas.

Nunca uma união entre realizador e intérprete se verificou ser mais fecunda e completa. Próximo da obediência fascinação, Sternberg revelou-nos uma Marlene de inquietadora beleza, emergindo dum passado desconhecido, lasciva e terna, descendo ao pecado sem se manchar, toda dominada por um ideal de amor elevado.

Impossível imaginar criação que melhor se adaptasse à artista. Nem outra que mais oportunidades oferecesse ao realizador para exhibir a sua arte magnífica. Sternberg compraz-se nessas ambientes de café-concerto, onde se agitam figuras desenhadas a traço forte, que correm à aventura dominadas por misteriosa fatalidade.

Foi porque o destino, num dos seus inexplicáveis caprichos, reuniu estes dois artistas que se completam, enleando-os um ao outro por fatal sedução, que o cinema conta hoje no número das suas «estrelas» essa estranha Marlene em que se conjugam toda a fascinação do pecado e toda a sugestão do mistério.

Mas esta conquista da Arte dizem que a pagou Sternberg com a paz do seu espírito — devorado hoje pela chama dessa sedução que ele anima com a sua vontade de realizador e que espalha pelos *écrans* de todo o Mundo numa ânsia insatisfeita de libertação.

Para quem conhece a série de criações de Marlene exibidas até hoje, é facto assente a identidade entre todas elas. Marlene é sempre a mulher que vamos encontrar nos últimos degraus da escala social, vivendo entre vícios e abjeções — um corpo amarfanhado, por destino cruel, onde palpita uma alma cansada mas capaz ainda das mais assombrosas dedicações.

Em todos os seus filmes ela é também a mulher que tem um passado, que já conheceu fases menos sombrias da existência. Em «Marrocos», Brown, o soldado da Legião, vai encontrar no seu quarto uma fotografia em que a completista

de café-concerto figura envolta em peles caras. Em «Fatalidade», a espia hábil, arrancada à mais degradante esfera, possui uma profunda educação musical. Xangai-Lily, a cortesã dos portos chineses reconhece num companheiro de viagem o noivo que a abandonara, por orgulho, quando ela pretendia faz-lo sentir ciúmes. Sternberg pôe sempre um cuidado, que só pôde ser intencional, em deixar na sombra esse passado e em o evocar por um jormento mínimo, apenas para afirmar a sua existência. Essa circunstância basta para rodear a sua heroína dum mistério cheio de sugestões.

Há ainda uma qualidade dominante nas figuras criadas por Marlene: a sua dedicação, o seu belo espírito de renúncia corajosa e sacrifício heróico. Em «Marrocos», é a sua dedicação sem limites pelo legionário que a troca pelo deserto cheio de aventuras e que ela segue através das areias batidas pelo vento. Em «Fatalidade», o seu sacrifício pela Pátria que julga servir e pelo espião inimigo que ela ama — sacrifício pago com a vida. E em «Expresso de Xangai» a transacção vil com o bandido chinês para salvar o homem que ama, sacrifício generoso que este não compreende e que o leva à sua ruína.

Tais são as características, que se mantêm de filme para filme, dessa mulher singular, inconfundível, maculada por todos os contactos impuros, mas cujo espírito límpido se afirma de cada vez capaz dos impulsos mais nobres.

É nesta contradição que reside o maior dos seus encantos, a maior força da sua mediação.

Dificil há de ser, por força, encontrar intérpretes masculinos dignos de contracenar com esta extraordinária actriz. Mas Sternberg soube sempre resolver a questão. Para a mulher torturada pelo embate da vida o galã convencional seria um incidente insignificante, sem consequências. À sua energia indomável, ao seu domínio perigoso, só uma forte personalidade masculina poderia ser oposta. Sternberg procurou essas personalidades entre a classe de actores a que os americanos chamam «he-men», reforçando a palavra homens (men) com o pronome pessoal masculino. Af os ele buscar e nunca a sua visão inteligente de grande realizador teve a lamentar um equívoco.

Em «Marrocos», teve Marlene Dietrich como *partenaire* o conhecido Gary Cooper, na figura do soldado da Legião, rude e voluntarioso. A acção do filme nasce do choque dessas duas vontades poderosas, dotadas dum experiência amarga da vida, que o acaso lança uma contra a outra.

Vitor Mac Laglen, o espião másculo e tenaz de «Fatalidade» foi outro dos que com ele contracenaram. E por certo que não foi dos piores. Finalmente, para «Expresso de Xangai» foi

escolhido Clive Brook, o grande actor inglês que melhor exprime a sobriedade e decisão masculina. Do saboroso contraste entre a sua energia calma e a vontade experimentada de Marlene recordam-se todos quantos conhecem esse belo filme.

Propositadamente, omitimos Emil Jannings que contracenou com Marlene em «Anjo Azul». Porque foi o primeiro, este filme fuge um tanto à linha geral dos que se lhe seguiram. Jannings é aqui uma vítima da fatal sedução de Marlene, que inconscientemente o escraviza. E como não podia deixar de ser, a interpretação do grande actor alemão atinge nesse papel proporções admiráveis.

Esta criação dum tipo bem característico — a mais definida, em nosso ver, do cinema actual — não deve confundir-se com a vulgar sistematização empregada pelos americanos. É corrente nos estúdios de Hollywood especializar os actores em determinados géneros de papéis — aqueles em que demonstram maiores facilidades — e confiar-lhes indefinidamente papéis desse género. Não é esse o caso que sucede com Marlene.

E por essa razão ela nunca nos deixa a impressão de se repetir nas variadas criações que se nos tem sido apresentadas.

Ao recortar com vigor a personalidade de Marlene no *écran*, Sternberg fez mais do que especializar uma artista — criou um símbolo. Esse é o motivo da maravilhosa diversidade das criações de Marlene.

Factos importantes se têm desenvolvido, ultimamente, em torno desta grande actriz. O último filme que realizou sob a direcção de Sternberg suscitou violentos incidentes entre os dois artistas e a empresa produtora. Terminada a realização, foi o filme apresentado em público e as verdadeiras razões dos conflitos sur-



Marlene Dietrich, artista de music-hall, numa cena do seu último filme.

giram claras e evidentes. O argumento do novo filme, que se ficou chamando «A Venus Louca», era mediocre indigno dos artistas que nele tinham sido chamados a colaborar. Debalde, Sternberg procurou resistir. Estava ligado por um contrato, tinha de cumpri-lo.

Entretanto, Sternberg regressou à Europa e a Paramount contou a Rouben Mamoulian, um dos seus melhores realizadores, o encargo de dirigir Marlene num novo filme intitulado «O cântico dos cânticos».

Marlene, de princípio, recusou trabalhar com outro realizador que não fosse Sternberg. E como consequência, a Paramount tentou acção contra ela, exigindo-lhe uma pesada indemnização por falta de cumprimento do contrato.

Mais tarde, o conflito solucionou-se e a acção foi anulada. Marlene acedeu a trabalhar sob a direcção do célebre realizador de «O Médico e o Monstro».

Mas as leis de imigração norte americanas põem um prazo à estadia de Marlene nos Estados Unidos e esse prazo deve terminar em Abril próximo.

A ser assim, Marlene regressará à Europa e é provável que venha então trabalhar na Alemanha, de novo sob a direcção de Sternberg.



Uma passagem de doce intimidade do filme «A Venus Louca».

Dr. Nuno Simões



COM o sub-título de «Subsídio para o estudo da questão», o sr. dr. Nuno Simões, nome considerado no nosso meio político, acaba de publicar um volume: «Os Vinhos do Porto e a defeza internacional da sua marca». O magno problema é tratado com grande conhecimento, tendo novos elementos, servindo a obra de base, pelo seu completo estado, a quem quizer conhecer o assunto sob todas as suas modalidades.

Artur Duarte



ESTEVE em Lisboa, de passagem, o actor cinematográfico Artur Duarte, que actualmente reside em Berlim. Foi artista de comédia, tendo trabalhado ao lado de Lucília Simões, durante alguns anos. Artista cheio de faculdades, tem-se imposto lá fóra pelo seu valor. Um dos cinemas de Lisboa dedicou-lhe, há dias, uma «matinée», em que correram alguns filmes de que participa o distinto actor.

Concurso Fotográfico entre Amadores organizado pela «Ilustração»

No próximo número publicaremos os nomes dos contemplados com os 1.º, 2.º e 3.º Prémios de Originalidade e Perfeição do «Concurso Fotográfico entre Amadores» organizado pela «Ilustração». As provas fotográficas, que nos foram enviadas e que foram publicadas durante o ano de 1932, estão sendo apreciadas por um júri composto pelos srs. dr. Samuel Maia, Alfredo Moraes, Ferreira da Cunha e Alvaro de Andrade.

NOTICIAS DA QUINZENA

Festa de confraternização



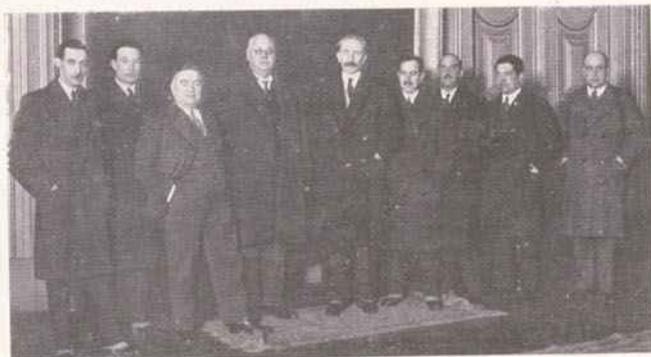
Os antigos alunos do Liceu de Camões — curso de 1912-13 — comemoram a primeira vintena após a terminação do curso. Houve missa por alma dos condiscipulos e professores falecidos, visita ao liceu — onde tiraram a fotografia que publicamos — e banquete de confraternização.

O jubileu do Mestre Carlos Reis



ORGANISADA pelos seus colegas e discipulos efectuou-se no dia 21 uma homenagem ao grande mestre Carlos Reis, que atingiu o limite de idade, sendo por esse facto afastado do cargo de professor da Escola de Belas Artes. No entanto, o governo, devido ao alto valor do ensigne artista, deliberou nomeá-lo professor honorário. Na gravura, vê-se mestre Carlos Reis rodeado por algumas das pessoas que o foram cumprimentar à Sociedade Nacional de Belas Artes.

Camara Municipal de Lisboa



DEVIDO a ter sido exonerado do cargo de presidente da Comissão Administrativa da C. M. L. o sr. general Vicente de Freitas, foi nomeada nova comissão, a que preside o sr. tenente-coronel Linhares de Lima.

D. Emilia de Sousa Costa



ENTRE as senhoras que entre nós se dedicam à literatura infantil o nome de D. Emilia de Sousa Costa é dos que merece destaque. É uma infatigável trabalhadora. A «Biblioteca dos Pequeninhas», que contém a melhor colecção de livros para crianças, publicada em Portugal, tem sido, sob a sua direcção e organização, que se tem imposto. Escritora das mais ilustres da nossa terra, D. Emilia de Sousa Costa, acaba de escrever mais um encantador volume — «Joanito africanista» — que vem enriquecer a literatura infantil e mórmemente a «Biblioteca dos Pequeninhas».

Rocha Martins



ESCRITOR e investigador dos mais notáveis da nossa História — Rocha Martins — publicou mais uma obra histórica: «O último vice-rei do Brazil», que vem enriquecer a sua já extensa e valiosíssima bibliografia. É um volume, esplendidamente apresentado, onde Rocha Martins afirma mais uma vez, vitoriosamente, as raras qualidades de historiador que o distinguem.

Fernando Correia



ACABA de aparecer nos escaparates das livrarias um novo livro de Fernando Correia — nome já conhecido nas letras: «Vida errada — O romance de Coimbra». Trata-se dum obra que é uma crónica da vida académica coimbrã, onde se registam impressões do que foi a Academia de 1908 a 1917.

Festas de caridade

NO AVENIDA PALACE

Com enorme concorrência, realizou-se na tarde de sexta-feira 24 de Fevereiro último, nos salões do Avenida Palace, um «chá mah-jong e dançante», de caridade organizado por uma comissão de senhoras solteiras pertencentes à nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Ida Burnay Paiva de Andrade, D. Margarida Teles da Gama Mascarenhas, D. Maria Eugénia Teles da Sylva (Tarouca), D. Maria Helena Burnay Belo, D. Maria Inez Barahona (Esperança), D. Maria Isabel Viana Ferreira Roquete, D. Maria José Soto Maior Pinto Basto, D. Maria José da Veiga Cardoso, D. Maria de Lourdes de Castro Quevedo, D. Maria Luísa Penalva de Mascarenhas (Torre), D. Maria Luísa Viana Ferreira Roquete, D. Maria da Luz Melo e Faro (Monte Real), D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. Maria Tereza de Lencastre Ferrão e D. Virgínia Burnay Vieira Pinto, cujo producto se destinava a várias obras de beneficência, e que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, sendo a dança abrilhantada pela exímia orquestra «jazz-band» privativa do hotel.

NO ROYAL CINE

Na tarde de sábado gordo realizou-se no vasto salão anexo, ao Royal Cine, à Graça, gentilmente cedido pela empresa, um «chá dançante» de caridade, cujo producto se destina a favor da Sopa dos Pobres da Freguesia dos Anjos, e levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Ana Teles da Sylva (Tarouca), Condessa de Monte Real, Condessa de Murça, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Lídia Bastos Pereira Ribeiro, D. Luísa de Somer Alzina, D. Maria Beatriz Neto de Freitas, D. Maria Carlos Cabral da Câmara e Lorena (S. Vicente), D. Maria Isabel de Somer, D. Maria Luísa de Somer, D. Maria da Madre de Deus Nápoles de Carvalho (Chancelheiros), D. Maria de Oliveira Meira, D. Maria Rosa de Carvalho e Bourbon Ribeiro, Marquesa de Sousa e Holstein, D. Palmira Cardoso e Silva de Somer, D. Susana Andresen da Costa e Viscondessa da Mercena.

Além de animada conversação, dançou-se quasi sem interrupção ao som duma exímia orquestra «jazz-band» até perto das nove horas da noite, num crescente de entusiasmos.

— No mesmo local realizou-se na tarde de segunda-feira gorda, uma outra festa de caridade, que constou de «matinée cinematográfica» seguida de «chá dançante» no salão anexo, organizada por uma comissão de gentis senhoras solteiras, pertencentes à nossa melhor sociedade revertendo o producto a favor de várias obras de caridade.

Houve também um recinto especial para crianças, com dança.

A comissão organizadora deve ter ficado ple-

VIDA ELEGANTE

namente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

NO GRÊMIO LITERÁRIO

Organizado por uma comissão de gentis senhoras solteiras, pertencentes à nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Alice Canela Infante de la Cerda, D. Eugénia Hercília de Almeida e Vasconcelos (Lapa), D. Madre de Deus Almeirim, D. Maria Antónia Cabral Gentil, D. Maria Cristina Canela Emídio da Silva, D. Maria Eugénia Teles da Sylva (Tarouca), D. Maria Ignês Barahona (Esperança), D. Maria Isabel Almeirim, D. Maria Luísa de Almeida e Vasconcelos (Lapa), D. Maria Luísa Penalva de Mascarenhas (Torre), D. Maria da Luz Melo e Faro (Monte Real),

dessa de Vilar Maior, D. Corina Lafayette de Andrade e Silva, D. Isabel Maria de Oliveira Monteiro, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Josefina Morales de los Rios Froes, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria Carlota Cyrne de Vasconcelos, D. Maria Daun e Lorena Bruges de Oliveira, e D. Maria da Nazareth de Almeida Daun e Lorena, cujo producto se destinava a várias instituições de beneficência, constituíram sem dúvida um dos maiores acontecimentos mundanos do Carnaval de 1933.

Foram três tardes de animação e elegância, oferecendo o vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, um amorável conjunto.

NO AVENIDA PALACE

Os bailes de subscrição que se realizaram nas noites de sábado magro, sábado e segunda-feira gorda, nos magníficos salões do Palácio Palmela, ao Calhariz, onde esteve instalada a Liga Naval Portuguesa, levados a efeito por iniciativa de uma comissão de festas, constituída por antigos frequentadores dos bailes da Liga Naval, com

finals de beneficência, revestiram extraordinário brilhantismo e animação, chegando, por vezes, a dansa a atingir o delírio.

O mesmo sucedeu na «matinée infantil» de domingo gordo, em que houve concurso de crianças mascaradas, sendo disputados artísticos prémios.

NO PALACE DA CURIA

Comunicam-nos, pelo telefone, que o baile de subscrição que se realizou na noite de domingo gordo nos magníficos salões do Palace Hotel, da Curia, levado a efeito por iniciativa de uma comissão de senhoras da melhor sociedade da região, a favor do Azilo de Infância Desvalida e do Ninho dos Pequenos, de Coimbra, e das Misericórdias de Anadia e Mealhada, decorreu no meio da maior animação e alegria, oferecendo os vastos salões um aspecto verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande número de senhoras não só de Lisboa e Porto, como sobre tudo de Coimbra e arredores, que com os vestidos de variegadas cores, davam ilusão de um jardim coberto de flores.

O baile repetiu-se na noite de terça-feira gorda.

Récita de homenagem

Como era de prevêr, constituiu uma verdadeira parada de mundanismo, a noite de segunda-feira de Fevereiro, no teatro da Trindade, onde se realizou a festa de homenagem organizada pela empresa José Loureiro, aos seus cronistas mundanos e nossos camaradas de trabalho Vasconcelos e Sá (D. Nuno), e Mota Marques.

O aspecto da linda sala de espectáculos, durante o decorrer dos três actos da finíssima peça dos Irmãos Quintero, adaptação do nosso camarada de trabalho Alvaro de Andrade, era brilhantíssimo, vendo-se na assistência tudo o que de melhor conta a nossa primeira sociedade.



Aspecto da récita de homenagem aos cronistas mundanos Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos Mota Marques, realizada no dia 20, no Teatro da Trindade, com a peça «A língua das mulheres»

D. Maria de Meneses (Merceana), D. Maria Tereza Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Maria Tereza Oliveira Lane, e D. Tereza Meira, efectuou-se nos salões do Grémio Literário, á rua Ivens, gentilmente cedidos pela illustre direcção, um «chá dançante», na tarde de domingo gordo, cujo producto se destinava a socorrer várias senhoras pobres que lutam com a miséria, entre as quais figurava a sr.^ª D. Maria José Lopes da Silva, moradora na rua de Sousa Martins, 9 1.^º direito.

Os magníficos salões do Grémio Literário viveram nessa tarde, durante o «chá dançante» alguns momentos de um enorme praser espiritual.

NAS BELAS ARTES

As «matinées dançantes» de caridade que se realizaram no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, nas tardes de domingo magro, domingo gordo e terça-feira de Carnaval, levadas a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Ana Teles da Sylva (Tarouca), D. Cecília Figueira de Melo, Con-



SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS



O Carnaval! E como já estivesse absolutamente sensaborão e desprovido de graça, pensaram em resuscitar o velho, o das cêgadas e da dansa da luta,



o da nossa mocidade. Mas como a moridade é uma coisa que já não ha, o Carnaval ficou como era e a tentativa marcou como um protesto saudoso da insipidez actual.

HÁ pessôas a quem o tempo para tudo serve de desculpa. Até para envelhecerem.

Se quizeres ser feliz tens que resumir as tuas necessidades até ao ponto de prescindires delas.

E quando as dispensares verás então... que já te não são precisas.

As cousas mínimas que nos envenenam a Vida: a Fome, o Frio, a Sêde, o Dinheiro, o Amor, a Morte.

E todavia é para elas que nós vivemos...

ROCHA Júnior, espírito brilhantíssimo de jornalista moderno, escorchou agora violentamente um tal Gondin, brasileiro, que pelo nome não perca, por êste se entreter a fatibitar sandices sobre Portugal e os portugueses. Êste é da força daquele Tomás, filho, que Camilo amarrou por suas fanfarrônicas à piada célebre: «Tomás, filho, deputa e delega na bengala de Artur a sua desforra». Êste é mulato e não é com certeza de um só pai, dada a grandeza do somatório de ignorância e estupidez que êle representa. Gondin é o nome de uma povoação do nosso Minho, que declara não ter nada com tal troca-lintas. Do pai nem a mãe se lembra. Desta encontra-se o nome em alguns versos de Gil Vicente. Entretanto o Gondin vive feliz e trepa às árvores. E é que o não apanham porque



um irmão lhe disse que não caía em se deixar apanhar porque fica sem glândulas.

QUINTILIANO diz que é o coração que faz os oradores. O Coração! Quantas mentiras se dizem em seu nome! O que faz os oradores é o interesse e a paixão, que é o interesse elevado ao quadrado.

«PELA bôca morre o peixe» diz um velho ditado. O peixe um animal tão calado! Pois não é a bôca que o mata. É o anzol.

SÊNeca escreveu o 2.º acto da Medéa que «todo o domínio injusto não pôde subsistir por muito tempo.» Esta frase é o bordão confortativo de um pobre homem que tem por sogra uma setentona que lhe põe o sal na moleira. Mas ela jura que, sem esforço, há de chegar aos 100 anos e parece que será verdade. E êle jura que lhe há de pagar a cova, mas não está bem certo de chegar ao mês que vem sem pelo menos uma dúzia de injecções...

HORA a hora Deus melhora, dizem os optimistas. Hora a hora Deus piora, dizem os pessimistas. E entretanto os relógios vão andando e o tempo passa.

CONQUISTAR a Felicidade é a ancia louca de quasi todos os viventes. E todavia já alguém soube, viu ou leu o que era e em que país se encontrava essa estranha deusa que todos buscam sem que ninguém dela dê notícias? Superstição ou quimera, uma das muitas miragens da vida!...

«HÁ qualquer cousa de ameaçador num grande silêncio» disse Sofocles na Antígona.

E a propósito lembro o prefácio da *Cega-rega* em que Beldemónio volta de novo à vida:

«Eis pois quebrado, — sem saudades, — o meu longo sono de dois anos, extensa catalepsia que a tantos se afigurou a Morte. Eu vivo ainda; e estas páginas vão dizel-o a todos e a cada um dos que poderam, animados pelo meu silêncio,

romper com a prudência que a minha má lingua lhes impunha. Vivo; eu vivo ainda...

...E quando alguma fase predestinada sentir, — com dor, — que também é ligeiro ainda o meu braço, saibam as as outras que êsse braço vibra ainda, como outrora a flecha de aço empenhada em tinta, cujo ferrão por aí marcou alguns a tatuagens da côr da gangrena.

Seja esta página uma bandeira: — bandeira desfraldada a um vento de impetuosa reacção contra o halito de loucura que vai alastrando o seu miásmo em benefício de um ideal fraudulento.

E seja essa bandeira um desafio: cartel pregado às portas da caverna onde a tirania novíssima da Liberdade, ao abrigo de uma tolerância inepta, bate moeda com a especulação das paixões desnortheadas

E seja êsse desafio, enfim... — ó meus bons irmãos de armas! ó meus leais irmãos de le-tras!... seja êsse desafio, enfim, um ajuste de contas em liquidação de agravos, uma liquidação de iniquidades em ajuste de contas.

Ah! dois anos de silêncio, dão bem para outros dois anos de eloquência a plenos pulmões, — ainda que não seja se não dessa eloquência selvagem que rosna e uiva, de inverno e de noite, nos algares das montanhas que os abétos e as alcateias povoam.

E quando ao fundo dos vales os cães ladrarem de focinho erguido à bandeira que neste papel desenrolo, saber-se-há que teve filhos, — para a defesa de um trapo, — a loba que tímbrou a velha auriflama de Roma.

Dá gôsto lêr páginas assim. Como já hoje se não escrevem. E justifica-se que um grande silêncio é sempre prenhe de ameaças. Os escribas do tempo de Beldemónio que o digam.

COLBERT, o financeiro, passeando um dia por qualquer província da França perdeu-se no caminho e teve que pedir alojamento a um estalajadeiro que o recebeu de muito má vontade. Colbert ia acompanhado de um médico notável e o estalajadeiro exigiu, como prova de identificação, que o médico lhe curasse uma galinha e o financeiro lhe dissesse quantos faziam 2 e 2. Não sei se o físico curou a galinha mas sei a resposta de Colbert. «Se é para o Estado pagar 2 e 2 são 4. Se é para o Estado receber 2 e 2 são 22.»

DIZ o Diabo num dos autos de Gil Vicente:

Toda a gloria de viver Das gentes he ter dinheiro, E quem muito quiser ter Cumpre-lhe de ser primeiro O mais ruim que puder.

É verdade. Já lá vão quatrocentos anos e ainda hoje é assim.

Albino Forjaz de Sampaio



O acontecimento dominante do meio neste período que nos cabe comentar, e um dos factos mais notáveis de todos os tempos na história da educação física nacional, foi sem dúvida a conferência realizada pelo dr. Leal de Oliveira, distinto professor na Escola Superior de Educação Física, analisando o novo método de ginástica respiratória que se pretende impingir á mocidade portuguesa.

O competentíssimo técnico que é o dr. Leal de Oliveira usou de um desassombro, de uma energia para afirmar as verdades que o seu muito saber valorisava, e adoptou na critica do perigoso método com o qual se arrisca a destruição das energias da mocidade lusitana, uma lógica tão implacável que de tudo aquilo nada mais ficou no espirito do auditório selecto do que uns farrapos inuteis e ridículos, destruídos pela argumentação científica do conferente.

Apreciando ponto a ponto os fundamentos do método, o dr. Leal de Oliveira argumentou por forma a pulverisá-los, aniquilá-los pelo ridiculo, a arma que mais seguramente destrói. A sua conferência bem digna é de ser largamente divulgada, merecendo uma publicação integral que permita o seu estudo cuidado e a sua propaganda na maior escala. Não está na índole destas crónicas um relato pormenorizado da oração do dr. Leal de Oliveira mas, prestando homenagens ás suas patrióticas intenções, oferecemos aos nossos leitores as suas últimas palavras, que têm um valor profético.

«Deveria preparar-se a mocidade portuguesa, perguntou o insigne professor, para as necessidades da vida por meio de uma ginástica passiva, antifisiológica, que é própria de povos que anseiam pela quietação, pelo repouso absoluto, pelo Nirvana, e por isso pararam na sua evolução e se escrivaram?»

A mocidade portuguesa deve ser digna representante de uma história maravilhosa, feita de acção e de movimento, conduzida pelo espirito da civilização ocidental, que é caracterizada sob o aspecto religioso pela ansia de aquisição de virtudes positivas, por esforços essencialmente dinamicos, desde a acção de Jesus e dos Apostolos, á dos missionários, á conquista das terras infieis, ao misticismo activo, que impulsionou a formação e expansão da Pátria portuguesa.

É possível que a actividade física educativa da nossa mocidade escolar fique reduzida, obrigatoriamente, a esta fantástica ginástica de bonzos? Eu, pela minha parte, sentindo-me perfeitamente integrado no espirito da civilização ocidental, declaro, terminantemente, que não!»

Como o dr. Leal de Oliveira, a quem abraçamos pela sua bela attitude, clamaremos também que a mocidade portuguesa não pode ser transformada numa favela impotente e passiva, indigna das tradições da raça. Não o permitirão os homens de boa vontade que se propõem no momento actual renovar o País num



deSports

OS FACTOS DA QUINZENA

acrescimo de valor que eleve a nação e o seu povo, ao nível que impuzeram ao mundo os navegadores e os conquistadores gerados no dinamismo de um povo activo e forte.

* *

O principe herdeiro Miguel da Romenia, rei destronado por seu pai, que precedeu no posto



A classe de gymnástica mantida pelo jornal «Os Sports» para as crianças do bairro de Alfama, dirigida pelo nosso colaborador sr. dr. Salazar Carreira, que figura em cima entre as duas melhores alunas.

supremo da nação, é um rapaz de uma duzia de anos, de apparencia robusta, mesmo talvez um tanto adiposo. Educado dentro de uma orientação moderna, completa, o principe demonstra uma estima pronunciada pelos exercicios fisicos e pelos desportos, sendo um excelente cavaleiro, jogador de tennis e golf e um atirador muito apreciável. O rei Carlos e coraja com o seu apoio as disposições naturais do pequeno, cuidando que ele aproveite de uma educação física salutar e da qual o seu desenvolvimento harmonico será natural resultante.

No palácio real foi montado um gymnásio onde não faltam os aparelhos empregados no método sueco, que foi o adoptado para cultura física do herdeiro. Todos os dias este ali pratica uma sessão em que sucessivamente executa os mais variados exercicios, com a alegria própria da sua idade.

Em Portugal, deve esta orientação real parecer um pouco extranha, porque a gymnástica educativa está longe de uma divulgação generalizada que a permita considerar como factor de uso comum.

Aproveitando a ignorância do meio têm-se desenvolvido por vezes teorias estranhas e métodos fantasistas sob rótulos vistosos de panacéa universal. Felizmente possuímos um professorado competente e mestres illustres, com desassombro e coragem moral suficientes para clamar alto contra a heresia, iludindo o público ácerca do gato que lhe pretendem impingir por coelho.

Por outro lado algumas iniciativas se vão desenvolvendo, aproveitando de generosas dedicações, e proporcionando á infancia portuguesa uma parcela da cultura gymnástica indispensável ao seu crescimento e robustez. Estão neste caso os cursos de gymnástica educativos que o jornal «Os Sports», com a colaboração da Escola Superior de Educação Física e de alguns, — lamentavelmente poucos, — professores da especialidade, está organisando.

Por seu intermédio aproveitam já das lições mais de um milhar de crianças, pertencentes a vários bairros da cidade e distribuídas em catorze cursos, dos quais o mais antigo é o do tradicional bairro da Alfama, cuja secção feminina é apresentada nesta página

* *

O pugilista italiano Primo Carnera, gigante que conquistou um dos primeiros lugares mundiais na arte do sôco, passou agora na América um máu bocado. Em consequência das pancadas recebidas na cabeça durante um combate, o seu último adversário, um americano chamado Schaaf, saiu do ring sem sentidos, recolhendo ao hospital onde faleceu dois dias mais tarde, apesar de trepanado, e sem ter recobrado acôrdo.

O incidente, embora profundamente lamentável, foi uma desagradável consequência da violência inerente aos combates a sôco e, desde que Carnera agiu dentro das régras despor-



Primo Carnera, o pugilista gigante, foi na América um íntimo dos aqres do cinema

tivas ninguém lhe pode imputar responsabilidades criminais. A morte, no caso do pobre Schaaf, é um risco possível que todos os combatentes aceitam implicitamente ao transpôr as cordas do rectângulo de luta.

Isto não impediu a justiça americana de meter na cadeia o pobre Primo Carnera, inculcando-o de assassinato; o italiano protestou quanto pôde mas só vinte e quatro horas depois foi posto em liberdade e ilibado de toda a culpa.

Este trágico acontecimento, que têm numerosos precedentes, faz-nos pensar se deve ser considerada desporto uma fôrma de combate que põe em risco a vida dos que o praticam. O pugilismo, como esgrima dos punhos em assaltos inofensivos e curtos, luvas bem estofadas, merece talvez a designação de nobre arte; mas como luta sem tréguas, brutal, sanguinária, é uma reminiscência do circo romano em que o homem dá largas ao instinto ancestral da brutalidade.

Na nossa última crónica referimos a admirável proeza do avião francês «Arco-Iris» que atravessára o Atlântico Sul, num tempo récord, levando a bordo seis passageiros.

Uma semana depois, ciosa destes louros, a aviação britânica assinalava se às atenções do mundo por dois magníficos ráids.

Gayford e Nicholetts num monoplano de 530 c. v., o «Mistério», bateram o récord do mundo da distância em linha recta, partindo de Inglaterra

terra e aterrando em Walfish Bay, na África do Sul, a 8592 km, do ponto inicial. A viagem demorou 57 horas 28 minutos e, quando pousaram no solo, os aviadores tinham nos depósitos quarenta dos 5220 litros de gasolina que traziam de Londres.

O antigo récord, que pertencia aos americanos Boardman e Polando com a viagem de Nova-York a Constantinopla, foi batido por 527 km.

Depois deste feito notável, a aviação inglesa fica detentora dos três réconds mais importantes da tabéla oficial: velocidade (Stainforth, 657 076 Km. H.), altitude (Uwins, 12404 m.) e distância em linha recta. Escapam-lhe ainda os réconds de duração e distância em circuíto fechado.

Poucos dias depois da viagem do «Mistério», o popular aviador James Mollison, marido da não menos popular Amy Johnson, pilotando um pequeno aparelho de 135 c. v., voou de Lympe ao Rio de Janeiro, via Dakar, em sete etapas, demorando 5 dias 3 horas e 55 minutos, sendo este tempo aproximadamente dividido a meio entre horas de vôo e horas de repouso.

Os dois vôos, colocados em paralelo dentro da diferença de categoria a que pertencem, demonstram uma vez mais a excelência de material e pilotos, de que dispõe a nação britânica.



O movimento desportivo português fornece escasso assunto aqueles que, como nós, o temos que apreciar a distância e num conjunto que não permite detalhes. A maioria das modalidades de inverno vivem numa monotonia desesperante, quando não declinam numa falta de interesse desgraçado; salva-se da atonia o football, mas a forma como está sendo disputado o campeonato regional de Lisboa, interrompido constantemente por largos períodos, perturba o harmonico seguimento da prova contribuindo para arrefecer o entusiasmo do publico.

No entanto, poucas epocas tem sido registada, já no declinar do torneio, uma tão completa incerteza; a seis jornadas do final é impossivel indicar um favorito e, dos oito competidores, tres podem manter ainda esperanças de triunfo. Sporting e Benfica seguem



O principe herdeiro Miguel da Romenia cultiva regularmente a gymnastica

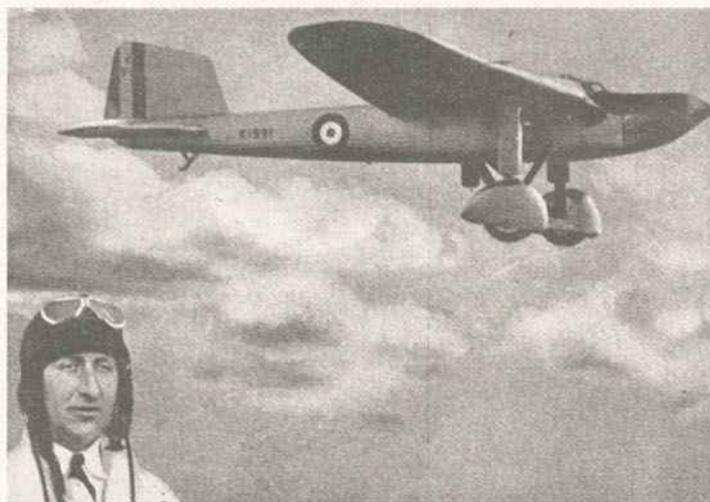
a par à cabeça da classificação e o Belenense está deles separado pela escassa diferença de dois pontos, que pode anular nos encontros que lhe falta disputar com os dois clubes que o precedem.

Desta forma torna-se difficil prever o resultado, tanto mais que os três rivais têm demonstrado uma irregularidade de classe que mais complica qualquer hipotese tecnica.

O cross-country, interessantissima manifestação de atletismo de inverno, apesar de um programa vastissimo apresentado pelos tecnicos lisboetas e em que se incluem, roubando-as, todas as iniciativas alheias, teve apenas uma saída sem brilhantismo e espera, para entrar de novo em acção, que as exigencias dos jogos desportivos lhe concedam liberdade de prática.

Nas restantes especialidades a situação é quasi identica; o rugby declina apesar do esforço magnifico do Ginasio, o Basket e o Hockey vivem numa animação ficticia, cujo valor tecnico é nulo; e tudo o mais em harmonia.

Ouvimos dizer que o desporto em Portugal progride... Onde, perguntamos nós.



O avião inglês «Mistério» que batou o récord mundial da distancia voando de Londres a África do Sul, e o seu piloto, Gayford.

VIDA FEMININA

O bom senso é para a mulher a qualidade essencial. A inteligência sobretudo quando é muita prejudica a mulher na sua vida, porque a faz desviar a sua atenção da missão a que a natureza a destina, para outras, de uma alta utilidade muitas vezes, mas que não são os verdadeiros destinos para que a mulher foi criada. Oíço muitas vezes dizer: a inteligência não tem sexo, e efectivamente assim é, mas quando uma inteligência masculina existe num cérebro de mulher, essa mulher dedica-se á ciência á arte, ás letras, mas falha a sua missão de mulher. É impossível que se dedique a tudo. Enquanto trata da educação dos outros esquece muita vez a dos próprios filhos, e como é possível interromper altos estudos para se ocupar da ementa do jantar. É portanto o bom senso, sobretudo quanto acompanhado pela bondade, a melhor qualidade que se pode desejar na mulher.

O ideal seria uma grande inteligência e bom senso, mas esse ideal é raro, porque nem sempre essas duas grandes qualidades da humanidade, estão reunidas numa só pessoa. Uma mulher de bom senso é aquela, que sem alardear inteligência e querer mandar tanto como o marido, tem no entanto para ele, um conselho acertado e utilisável quando lho pede. É aquela que sabe educar os seus filhos tornando-os uteis á sociedade disciplinados e trabalhadores. É aquela que sabe adaptar se á vida que lhe foi pelo destino marcado, e, que sem exigências consegue tornar a vida agradável aos seus, economizando, quando isso se torna necessário, mas sem mostrar, que se sacrifica e antes com o seu bom humor, fazer com que todos que a rodeiam se sintam felizes e aceitem também a vida, como ela se lhes depara.

A mulher sensata é, em geral, o ídolo dos seus e o encanto das pessoas que com ela convivem. Esta qualidade é das que se não apregoam, sentem-se e bem profundamente aqueles que têm uma convivência íntima, com a pessoa que a possui. As pessoas sensatas passam muitas vezes despercebidas e só aqueles que têm a felicidade de com elas conviverem notam essa grande qualidade, que torna imprescindível a sua companhia a quem ela se habituou. O senso é uma qualidade com que se nasce, mas como todas as qualidades, com estudo e boa vontade, também se adquire o que muitas vezes acontece, é que, á força de encontrões da vida o bom senso aparece, e já é muito o saber modificar-se e tem mesmo mais valor, do que possuir uma qualidade, que nasce conosco. Mas quando a doce bondade acompanhar o bom senso, então a mulher que possui essas qualidades é sem dúvida o anjo do lar. Aquela

que é o centro da casa e da família, onde todos não buscam conselhos e consolações, e que torna a vida feliz aos seus e aos amigos. O seu bom senso leva-a a dar apenas os conselhos indispensáveis e a sua bondade faz com que não demonstre, que muitas vezes as desgraças que a afligem a humanidade, são provocadas pela falta de senso e a ausência de previsão. E em geral a mulher sensata possui uma sensibilidade moral, que lhe faz compreender os desastres das vidas alheias e que a auxilia como um sexto sentido a orientar a sua própria vida. A evitar o que a pode prejudicar, a procurar o que lhe convém e a ser enfim uma criatura completa, que sabe viver e ensina a vida aos que lhe são queridos.

Maria de Eça.

A Moda

APROXIMA-SE a Primavera e já as casas elegantes começam a pensar na moda que há de embelezar na linda estação, as mulheres Damos hoje duas lindas «toilettes» de casa. Para de manhã um «pijama» encantador que pela sua forma, de uma gracilidade e frescura inegaláveis, não tira á mulher a feminilidade. Antes pelo contrário aumenta a sua gentileza. É de um encanto muito especial com o seu tecido xadrez, que está em grande favor. O outro é um lindo vestido para a tarde, que se pode adaptar para recepção e que tem



uma forma original e muito bonita. É feito em veludo «chiffon» cor de violeta de Parma e pela simplicidade do seu corte e guarnição que se compõe apenas de franzidos, é uma «toilette» que rejuvenesce e não se torna pesada. Qualquer destes trajos ficam bem no guarda-vestidos de uma senhora elegante, que cuide esmeradamente da sua «toilette» e que goste de fazer realçar a sua beleza.

Como penteado damos também um modelo que é característico para o tipo de mulher de cabelos escuros, olhos grandes e feições correctas, que tão vulgar é entre nós como as nossas leitoras veem. A simplicidade é o que mais convém a este tipo de beleza, pois que os penteados «bouriffés» e com caracões devem ser destinados ás mulheres loiras, as únicas a quem esse género favorece. É preciso ao escolher vestidos e penteados atentar bem no tipo que se tem porque é de uma importância capital na aparência de uma senhora.

Crianças

COM as «Matinéés» infantis é preciso não descuidar a «toilette» das pequeninas, que numa «coquetterie» incipiente gostam já de ter sucesso entre as pequenitas da sua idade com os seus frescos vestidinhos. E as mães ainda mais sensíveis, do que elas, ao sucesso das suas filhinhas, sentem verdadeiro orgulho ao ouvir elogiar a sua gracil elegância. Damos hoje um lindo modelo para pequenita em «georgette» cor de rosa guarnecido a folhinhos do mesmo tecido e a raminhos de botões de rosa e de miosotis, de um azul muito pálido. É um vestido lindo e que não é carregado de enfeites, porque ás crianças não favorece o excesso da guarnição, antes prejudica a sua natural frescura, que não necessita de muitos atavios para se fazer notar. O excesso se não fica bem ás senhoras, nas crianças é intolerável.



Envelhecer

SABER envelhecer é para a mulher despedir-se do amor e consolar-se com o pensamento de que os homens a não farão sofrer mais. Saber envelhecer significa sorrir ao período de calma que se apresenta com as suas suaves e doces alegrias. Há mulheres que não querem envelhecer, e que se agarram desesperadamente à sua juventude e que fazem inconscientemente, com que as outras as achem ridículas. Imaginam que envelhecer, quer dizer, que se deixa de ser um objecto de ternura, que ter cabelos brancos e uma cara enrugada quer dizer, que se acabou o poder de agradar. É uma legião, a de senhoras, que querem fingir de novas, com o auxílio do pincel, do pó de arroz e das pinturas, esperando esconder os sinais indeleveis da idade. A mulher que sabe envelhecer é cada vez mais rara na nossa época. E ela não sabe a que encanto renuncia. A sua feminilidade desenvolve-se ainda mais quando a idade lhe põe uma coroa de indulgência na sua branca fronte.

Insensivelmente o tempo faz a sua obra, o inverno deixa as suas neves sobre a sua cabeça, a carnação perde a sua frescura, e, os sentimentos entusiastas, tornam-se comedidos e gentis. O amor espiritual não é por isso menos terno. Por afecto, por amizade, a mulher liga-se mais a quem com ela afrontou a dura ascensão da vida, e, se o seu companheiro caiu no caminho e chega só ao fim da viagem, recordará o passado com doçura e sem melancolia. As suas recordações, folhas mortas da vida, esvoaçarão em volta da sua

memória fiel. O seu passado será uma força e não um tormento. Ela terá assim belas recordações e doces saudades, que ocuparão a sua fantasia e ao ver viver à sua volta a mocidade sentir-se-á feliz, com o seu movimento e terá para ela um sentimento maternal, mas não de rivalidade que é o peor de todos e que é o que a torna ridícula. Renunciar a tempo é uma das mais belas artes.

Superstições

QUER a tradução popular japonesa, que no dia 5 de Fevereiro, todas as cidades do Japão sejam infectadas pelos espíritos para escorraçar os aborrecidos hospedes, das casas que querem habitar, os japonezes procedem á «tsuina», uma estranha cerimónia que consiste em deitar ao chão e contra as paredes punhados de favas secas e assadas. Nas famílias o chefe, á hora do crepúsculo começa a declamar «De aqui para fóra demónios. Entra sorte», deitando favas enquanto grita. E as crianças gritando também precipitam-se para apanhar todas as que podem. A origem desta estranha cerimónia sobe ao reinado do 42.º imperador do Japão, no ano 706 da nossa era.

Em seguida a uma terrível epidemia, que dizimou a população o prudente monarca julgou indispensável purificar o ar e numa visão antecipada da desinfecção, prescreveu escorraçar os espíritos inimigos, de todos os cantos das casas privadas e das repartições públicas. E como o Japão é um país tradicional ainda hoje esse costume persiste.

De mulher para mulher

Lírio do vale: É encantador nesta época de prosaísmo encontrar alguém que é ainda tão poético, que honra este pseudónimo. Há muitos livros que a podem interessar. Indico-lhe os livros de Alexandre Herkulano, de Julio Dinis e de Camilo Castelo Branco. É extraordinário que haja tanta senhora portuguesa nos seus casos, que conhecendo a literatura estrangeira, nada tenha lido da portuguesa. É triste! Quando tiver lido esses autores indicar-lhe-ei outros mais modernos.

Mãe estremosa: São coisas que só um médico lhe pode dizer. Leve a sua filhinha a um bom especialista de doenças de criança. Para casaco acho lindo o veludo de lã branco com uma boina branca fica uma linda «toilette».

Receitas de cosinha

Arroz à valenciana: Prepara-se uma caçarola que tenha o tamanho da fôrnia sobre a qual se hade pôr e que esta tenha lume de carvão ou lenha bem acêso. Deita-se uma porção de bom azeite e quando está quente junta se lhe um frango cortado em bocados, quando o frango está dourado juntam-se, pedacinhos de tomate e pimento e quando tudo está bem feito deita-se



água bastante sal e pimenta e um pouco de açafraão, berbigão, pedaços de safio e ervilhas tenras. Deixa-se ferver uns minutos e deita-se mais água se fôr preciso para coser o arroz o qual se deita em seguida.

Deixa-se coser o arroz e não se deita mais água. Se, se vê que tem pouca diminue-se o lume sem tirar a caçarola do lume para que cosa a fôgo brando. Se ao contrário dessa água demasiada aviva-se o lume para que seque ou com uma colher tira-se alguma. Quando o arroz está cosido tira-se do lume e deixa-se estar um quarto de hora, mas a caçarola não deve estar pousada em pedra. Assim absorve o resto da água e fica o grão bem cosido e solto.

Higiene e beleza

As pelúculas ou pitiriasis do couro cabeludo é uma das afecções mais vulgares e confunde-se com a seborreia escamosa. Geralmente aparece na adolescência. Deve-se à exfoliação da capa epidérmica dos tecidos e apresenta-se na forma de um pó fino, que cobre os cabelos, o pescoço e os vestidos. Com a continuação origina a queda do cabelo, que nas extremidades espiga e enfraquece. O tratamento destas caspas varia segundo o seu caracter, mais ou menos gordo. Ao principio quando caem com aparência de secos, emprega-se a seguinte loção: Tintura de quilaia, 20 gramas; Óleo de Cade, 2 gramas; Agua quente, 100 gramas. As loiras podem usar o seguinte: Amoníaco líquido, 5 gramas; Agua, 100 gramas; Alcool a 60°, 100 gramas. Quando a pitiriasis se apresenta em forma de escamas gordurosas emprega-se o seguinte: Formol, 0,50 gramas; Sublimado, 0,15 gramas; Alcool a 60°, 100 gramas; Alcool de alfazema, 5 gramas; Tintura de Gadorandi, 25 gramas. Em pouco tempo desaparece este mal sendo bem tratado.

A casa

TODA a mulher aprecia profundamente a elegância da casa, e quando a mobília, tem sempre o ideal de que a sua casa seja muito sua e, diferente da casa das suas amigas. Damos



hoje uma gravura, que representa uma originalíssima sala de jantar em estilo oriental. É uma sala de jantar chinesa. Muito simples e graciosa não é um mobiliário caro, o que não exclui a elegância. O candeeiro que a garante e enfeitada, é muito fácil de conseguir com uma jarra da China que se manda adaptar à electricidade. O «abat-jour» é também fácil de fazer. É uma sala que com o seu estilo tão marcadamente chinês é diferente de tudo o que se vê por aí, e é esse um dos seus grandes encantos. É necessário escolher «napperons» chineses e pelas paredes, peças de loiça chinesa para manter o estilo.

O amigo das crianças

O burgomestre de Colónia é um amigo das crianças. Teve uma ideia que lhes dará prazer. Pediu ao prefeito de policia para reservar um certo numero de ruas, para as crianças para que elas possam brincar tranquilamente. O movimento habitual é proibido naquelas ruas parece que esta maneira de proceder é um uso vulgar na América. E foi o exemplo americano, que decidiu o burgomestre de Colónia, a propôr tal decisão. À primeira vista parece ótimo. Compreende-se que nos bairros populares, em que por várias causas, os pais não podem vigiar as crianças, ou dificilmente o fazem; decidir, que nalgumas ruas, as crianças brinquem sem ter que recluir a circulação, seria uma inovação favoravelmente recebida. Mas depois de um exame atento não parece muito recomendável, — escreve o Figaro — num tempo em que todas se queixam pelo menos em Paris da acumulação nas ruas, seria um meio singular de melhorar a situação tirando algumas ruas, ao movimento normal. E depois as ruas têm outros perigos além dos carros e «camions». O que é preciso para as crianças em toda a parte é multiplicar os jardins e os parques, com boas sombras e relva onde elas possam brincar sem perigos.

Etiqueta

COMO era observada a etiqueta na corte de Luís XIV demonstra-o Madame Saint-René Taillandier no seu livro «Le Grand Roi et sa Cour» com a seguinte anedota reproduzida pelo «Journal des Débats». «Um dia Madame de Tourcy, mulher do ministro, chegou com atrazo para sentar-se à mesa, onde havia vários lugares vazios. Sentou-se junto de uma duquesa. Chegou outra titular. M.^{me} de Tourcy levantou-se para lhe ceder o lugar. A recém-chegada competiu em delicadeza, pediu-lhe que se sentasse e com gentileza sentou-se ao lado. O rei deitava à comitiva um olhar de gelo e comia em silêncio. Mas depois no seu gabinete, que temporal! «Como é que em sua casa, à sua mesa, os seus convidados se permitiam de modificar as situações? Madame de Tourcy imagina-se duquesa e a duquesa julga-se no direito de fazer as honras da casa do rei, à sua mesa e deante dele? Que Madame Tourcy seja prevenida! É uma mulher preciosa, de attitude modesta, que sabe viver, mas que teve uma grande falta de tacto.» O rei queria manter a etiqueta. Se uma boa



amiga não tivesse avisado a culpada, o rei fazia-o e ela sofria um vexame.

Em Marly a etiqueta era quasi uma questão de fé, é preciso saber viver ou então ficar em Versailles, com Madame de Lorena e os velhos da corte, também aferrados à etiqueta e sem a vida agradável que se passava em Marly, onde o Rei Sol fazia uma vida de diversões e prazer.

Uma artista

ADRIANA Leconvreur foi uma das mais célebres artistas francesas. O teatro francês deve-lhe muito. Adorada pelo público e procurada pela corte, a sua arte foi exaltada pelos maiores talentos da sua época, entre estes Voltaire. Adriana Leconvreur foi de facto o astro mais luminoso do Paris teatral do século XVIII. Pôde dizer-se que foi uma inovadora, porque teve o mérito de substituir, pela primeira vez, a declamação imperante até ali nos palcos, a dicção simples e espontânea. Com a sua arte e a sua beleza apaixonou muitos corações. A lenda mais do que a história atribue-lhe um fim precoce e misterioso. Esta lenda foi contada por Scribe e Legouvé num drama passionnal do qual a bela artista é protagonista. Ela correspondia ao apaixonado amor de Mauricio da Saxonia, brilhante cavaleiro do seu tempo. Este amor despertou ciúmes na princesa de Bouillon, dama da corte, que quiz livrar-se da rival enviando-lhe um ramo de flores coberto de um

pó envenenado. Os contemporâneos divergem sobre as causas da sua morte, e Voltaire, digno de fé, afirmava categoricamente que ela morreu de uma súbita e aguda inflamação intestinal.

Seguro original

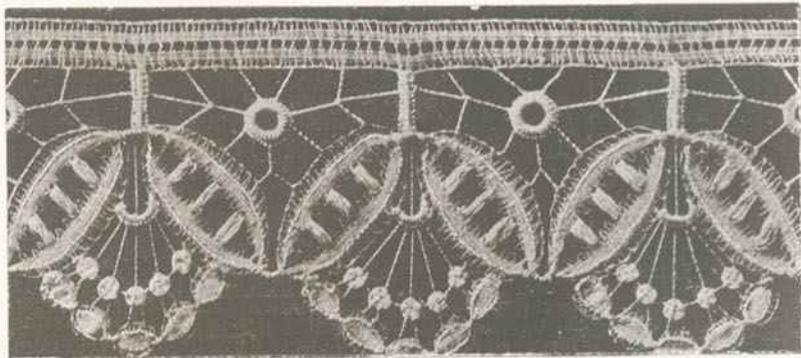
UM americano diz que nos Estados Unidos os rapariguinhas agora seguram-se contra um novo perigo: o de não encontrar marido. Dão todos os anos uma quantia. Se aos quarenta e cinco anos, não descobrirem em núpcias legítimas a alma gêmea, ou melhor, o coração fraternal, recebem um prémio. Esta operação financeira é estranha. Aquele prémio pôde substituir o casamento, os filhos, um conjunto de preocupações, mas também de alegrias? A compensação não parece equivalente. De resto a companhia que corre aquele risco não tem iniciativa, se não anexa aos seus escritórios uma agência matrimonial, não devia pagar senão depois de terem sido regeitados alguns casamentos.

Parece que há mais raparigas do que rapazes, visto que elles se não seguram. O que tudo isto demonstra e que é necessário demonstrar de novo o que é o casamento. Já se não sabe o que é a família, na América como na Europa. Se não fosse assim nenhuma companhia de seguros pensaria em substituir marido e filhos por dólares. O mal de agora é que o dinheiro passa adiante de tudo e é a primeira coisa.

Pensamentos

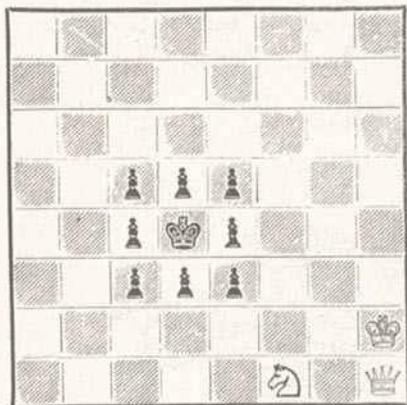
Há quem se diga amigo, mas nem tudo se pode acreditar. Nada mais vulgar que esse nome e nada mais difícil de encontrar.

A ausência é um remédio para o ódio e uma defesa para o amor.



PROBLEMA DE XADREZ

Pretas (9)



Branças (3)

As brancas jogam e dão mate em 4 lances

Este problema de xadrez que veio publicado, pela primeira vez, há muitos anos num jornal inglês, era destinado a representar o Cêrculo de Troia e a história do cavalo de pau.

ANECDOTAS

— Como defines o que os franceses chamam *ennui* ?

— Imagino que é, estar cansado de não fazer nada, preguiçoso de mais para fazer alguma coisa.

• • •

A mãe, vaidosa, em frente do espelho:

— Ah! minha filha, o que darias para teres a minha beleza!

A filha: — Ah! E a mamã o que daria para ter a minha idade!

• • •

Numa Agência de criados. Uma senhora ajustando a cozinheira:

— E vocemecê tem servido sempre em casas grandes?

— Sim, minha senhora; sempre em prédios de três ou de quatro andares.

• • •

— Que péssimo parecer com que estás esta manhã!

— É verdade. Estive oito horas sem dar acôrdo de mim.

— Credo! Mas, então, como foi isso?

— Estive dormindo.

• • •

O pintor, no campo, diante da tela, copiando a paisagem. Para a noiva, sentada a seu lado:

— Estás gostando do meu quadro?

— Muíttíssimo. Então as côres são admiráveis. É pena não haver na natureza umas côres assim.

• • •

Entre solteirões:

— Sabes que o Ramires pensa seriamente em casar?

— Não imaginei que êle estivesse tão profundamente endividado como isso!

• • •

— Minha noiva é encantadora. Tem apenas uma coisa que detesto,

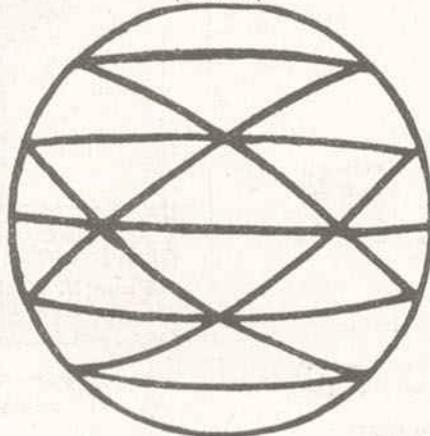
— O que é?

— É a mãe.



O círculo de Confucio

(Problema)



Foi Confúcio, o legislador da China e fundador da religião dos chinezes, o inventor do problema que apresentamos.

Este problema é do género dos que se resolvem percorrendo as linhas de um desenho determinado, sem levantar o lápis e sem passar duas vezes pela mesma linha; porém aqui, para chegar a êsse resultado, podem seguir-se vários caminhos, todos êles fáceis de encontrar. A dificuldade, portanto, não está em percorre-lo de maneira tal que se dobre o menor número possível de cantos ou ângulos. A solução, que menos vezes exija que o traço mude de direcção, será a mais acertada.



— O rapazito! A tua mãe sabe que lumas?
— O seu marido sabe que a senhora fala com homens no meio da rua?

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I	P	E	R	E	S	T	R	E	L	L	O
II	O	L	I	V	I	A		L	U	A	
III	R		V	A	N		A	M	I	G	O
IV	T	O	A		E		D	O	Z	E	
V	U		L	I	T	R	O			D	A
VI	G		I	R	A		N	A	D	O	R
VII	U	R	D	I		R	I	O			M
VIII	E		A	S	S	A	S	S	I	N	A
IX	S	E	D	A						I	D
X	A	M	E	R	I	C	A	N	O		A

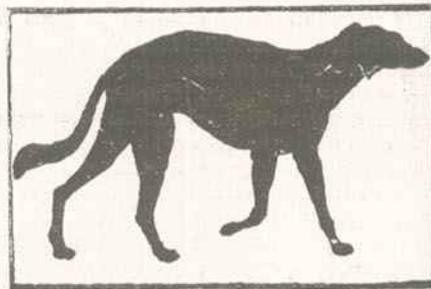
BRIDGE

(Solução)

B pôde, á quarta vasa, entrar com o rei de espadas ou jogar o 9. Quer num quer noutro caso, o resultado é o mesmo: — os feitos ganham onze vasas. No primeiro caso, os adversários só fazem mais uma vasa em oiros, além da terceira, já conhecida do problema; no segundo, não fazem mais nenhuma.

QUE BICHO SERÁ?

(Solução)



A SECA EM JERUSALÉM

Os boletins metereológicos enviados em princípios do mês passado da Judéa, poderiam ser traduzidos pelas palavras com que o Tasso descreveu a seca de Jerusalém:

«Sob os raios ardentes, tomba a flôr resequida; empalidece a folha, a relva murcha á mingua de água, fende-se a terra, os mananciais estiolam-se. O terra infornada! O céu recusa-te os seus orvalhos; em vão as ervas e as flôres esperam as lágrimas da aurora...»

Tal falta de água sofria Jerusalém o mês passado visto que os registros do abastecimento só se abriam um dia por semana. A maior parte dos hotéis fecharam-se. Foram despachados pela região numerosos engenheiros em busca de poços e mananciais. Tratava-se de reactivar antigos reservatórios, construídos no tempo de Heródes o Grande. E a tarefa era penosa, porque o lençol de água não poderia ser encontrado a menos de seiscentos metros de profundidade.

Foi-se o tempo em que os mananciais generosos e as límpidas torrentes fertilizavam os campos ao redor de Jerusalém. Hoje grandes pedras atravancam o leito sêco do Cedron. Arbustos bravos crescem nas piscinas arruinadas de Bethesda e de Salomão. E com esta última seca tornou-se necessário que trens especiais, com vagões-cisternas, fossem buscar água a Hébron, cidade situada trinta quilômetros ao sul de Jerusalém...

Faltava lá Moisés, para fazer brotar a água dos rochedos...

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.^a EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00
Encadernado 14\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

A' venda a 2.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

SINGER

O último modelo de MÁQUINAS DE COSTURA

SEMI-SECRETARIA 233



Maravilhosa produção das Fabricas SINGER
que alcançou um êxito sem precedentes

A' venda em todos os estabelecimentos SINGER

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo

Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados :

- Afonso Lopes Vieira (1 vol.)
- Alexandre Herculano (1 vol.)
- Antero de Figueiredo (1 vol.)
- Augusto Gil (1 vol.)
- Camões lírico (4 vols.)
- Éça de Queirós (2 vols.)
- Fernão Lopes (3 vols.)
- Frei Luís de Sousa (1 vol.)
- Guerra Junqueiro (1 vol.)
- João de Barros (1 vol.)
- Lucena (2 vols.)
- Manuel Bernardes (2 vols.)
- Paladinos da linguagem (3 vols.)
- Trancoso (1 vol.)

Estes volumes são do formato de 12x19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado 12\$00
Cada volume encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Grande sucesso literário

2.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECCÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOCARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINARIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.^a EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindivel para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
 encadernado em percalina
 Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

PAULINO FERREIRA

;; ENCADERNADOR—DOURADOR ;;

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido.—**DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTISSIMO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR
ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas | brochado 10\$00
| encadernado 14\$00
PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de
CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos *para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. 8\$00

PEDIDOS A
Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

DICIONÁRIO DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 pags. 7\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.ª — Lisboa —

Saiu a nova edição

CARTAS

de
ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de linguística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortezar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochados 30\$00
Encadernados 42\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Formidável exito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por **BENITO MUSSOLINI**

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75—LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça*. 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



Para a beleza e saúde

Para ter saúde e beleza fazei da "Ovomaltine" a vossa bebida diária.

A alimentação concentrada, composta de extracto de malte, leite suíço e ovos frescos, contida na

"Ovomaltine, fortifica e reconstitue os nervos, o cérebro e o corpo, restaura as energias e a vitalidade e dá beleza que provém da alegria duma saúde perfeita.

OVOMALTINE

é a saúde.

À venda em todas as farmácias, drogas e boas mercearias

Dr. A. Wander S. A. B. 11
Únicos concessionários para Portugal:
ALVES & C.ª (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41-2.ª - LISBOA

